

SINAL DO INFINITO



Sinal do Infinito

Luiz Guilherme da Silva Barbosa

Publicação Independente, 1a. ed., Limeira, São Paulo, Brasil, 2025.

© 2025 Luiz Guilherme da Silva Barbosa

Supervisão e edição: Prof. Dr. André Franceschi de Angelis
Faculdade de Tecnologia
Unicamp - Universidade Estadual de Campinas

Nota sobre Autoria e Inteligência Artificial

Este livro é o resultado de um projeto de pesquisa de iniciação científica para Ensino Médio que explora o uso de Grandes Modelos de Linguagem (LLMs) como uma ferramenta no processo de escrita criativa. O objetivo principal do projeto foi investigar como esses sistemas avançados de IA poderiam auxiliar autores humanos na geração e no aprimoramento de textos.

Como parte de nossa investigação acadêmica, utilizamos diligentemente ferramentas de detecção de plágio e fizemos o nosso melhor para respeitar os direitos de propriedade intelectual existentes. No entanto, uma parte do conteúdo foi gerada com o auxílio de LLMs. É importante reconhecer que os dados usados para treinar esses modelos são vastos e, em muitos casos, não são totalmente divulgados. Portanto, não podemos fornecer uma garantia absoluta de que nenhuma parte do texto gerado infrinja, sem nosso conhecimento, a propriedade intelectual de terceiros.

Este livro deve ser visto não apenas como uma obra criativa, mas também como uma documentação desse processo de pesquisa. É um produto tanto da criatividade humana quanto da colaboração tecnológica, refletindo a natureza complexa e em evolução da autoria na era da inteligência artificial.

A Note on Authorship and Artificial Intelligence

This book is the result of an undergraduate research project directed to High School students exploring the use of Large Language Models (LLMs) as a tool in the creative writing process. The project's primary goal was to investigate how these advanced AI systems could assist human authors in generating and refining text.

As a part of our academic investigation, we have diligently used plagiarism detection tools and made our best efforts to respect existing intellectual property rights. However, a portion of the content was generated with the assistance of LLMs. It is important to acknowledge that the data used to train these models is vast and, in many cases, not fully disclosed. Therefore, we cannot provide an absolute guarantee that no part of the generated text unknowingly infringes upon the intellectual property of others.

This book should be viewed not only as a creative work but also as a documentation of this research process. It is a product of both human creativity and technological collaboration, reflecting the complex and evolving nature of authorship in the age of artificial intelligence.

CAPÍTULO 1 - ORIGENS

Rose nasceu em uma tarde quente de verão, em Buenos Aires, Argentina, quando o céu parecia tão vasto e infinito quanto o futuro que sua família ainda tentava construir. Seus pais, Hans e Ingrid, tinham fugido da Alemanha durante a Segunda Guerra Mundial, em busca de uma nova vida, longe das cicatrizes deixadas pelo conflito. A guerra os havia arrancado de suas raízes e a Argentina se tornou o porto seguro onde reconstruíram suas esperanças.

Hans, com suas mãos calejadas e o olhar sério, encontrava consolo no trabalho diário como operário em uma fábrica. A fábrica não era a sua escolha, mas ele se adaptou, como fazia sempre. Ingrid, sua esposa, tinha o espírito mais suave e o sorriso que parecia carregar uma paz que ela mesma ainda não sentia. Ela mantinha a casa e criava os filhos com a mesma serenidade com que observava o céu estrelado à noite, lembrando-se de um passado distante e, ao mesmo tempo, oferecendo a eles uma nova vida.

Rose era a caçula, a mais nova de três irmãos. Klaus, seu irmão mais velho, era calado e curioso, com um fascínio por tudo que fosse diferente. Ele passava horas estudando mapas e fazendo perguntas sobre os lugares para onde sua família talvez pudesse ir. Anneliese, a irmã do meio, era vibrante e extrovertida, sempre em busca de novas aventuras nas ruas agitadas de Buenos Aires, se conectando com qualquer um que passasse por ela.

Desde pequena, Rose era fascinada pelo céu. Havia algo nas estrelas que a atraía, uma sensação que ela não conseguia explicar, mas que a fazia se sentir conectada ao mundo de uma forma única. Ela passava horas observando as constelações e se perguntando sobre os mistérios do universo. Sua mãe costumava contar-lhe histórias sobre a lua e as estrelas, dizendo que elas eram um reflexo de um mundo maior, coisas que os humanos talvez nunca pudessem compreender completamente. Mas, para Rose, as estrelas não eram apenas pontos de luz. Elas eram como mensagens de um outro mundo.

Ela se perguntava, às vezes, se talvez, em algum lugar no vasto universo, existissem seres que também olhavam para o céu e se perguntavam sobre ela, assim como ela se perguntava sobre eles. "E se existirem outros como nós, em algum lugar, observando as mesmas estrelas?" pensava, enquanto se deitava no gramado da casa da família, olhando para

o céu noturno. Ela sentia que o universo não era vazio, mas repleto de possibilidades — uma vastidão de estrelas, planetas e, quem sabe, civilizações inteiras.

Rose adorava ler sobre astronomia e ficção científica e as teorias sobre extraterrestres a fascinavam. Ela imaginava naves espaciais flutuando por sistemas solares distantes e seres em planetas longínquos que talvez estivessem vivendo de maneira muito parecida com os humanos. A ideia de que o universo era tão imenso, com milhões de galáxias e planetas desconhecidos, fazia seu coração bater mais rápido. Será que algum dia, alguém de outro planeta viria a Terra, como um visitante de outro mundo? Ou será que ela mesma viajaria, explorando as estrelas?

E assim Rose cresceu, com os olhos fixos no céu, sonhando com as estrelas e com a possibilidade de que, um dia, ela fosse mais do que uma simples espectadora da vastidão do cosmos. Ela queria ser parte dessa história, um capítulo na grande jornada da humanidade, buscando respostas sobre o que existe além de nós e, quem sabe, fazendo contato com aqueles que compartilham o mesmo céu estrelado.

Mas ela se cansou de uma vida rotineira em Buenos Aires. Ela queria mais, queria poder conhecer, pesquisar e observar as coisas do espaço... era tudo de que ela mais gostava.

Aos 23 anos, deixou para trás a vida tranquila que tinha. Ela se sentia sufocada pela rotina repetitiva, pelo trabalho sem desafios e pelas expectativas de uma vida comum na Argentina. O que mais a atraía na cidade exótica de Arecibo, Porto Rico, não era apenas o radiotelescópio, mas a ideia de recomeçar, de viver algo novo, de quebrar a monotonia. Lá, ela começou a trabalhar como assistente no observatório, fazendo tarefas administrativas, mas sempre de olho nas pesquisas e nas conversas científicas que rolavam ao redor dela.

Foi nesse cenário, em 1965, que Rose conheceu Tyler. Ele tinha 26 anos e trabalhava no laboratório do radiotelescópio — um físico apaixonado por astrofísica, com uma visão extremamente focada sobre seu trabalho.

Em um certo dia, durante o horário de almoço, Rose conheceu Tyler, que acabava de ser contratado como estagiário do radiotelescópio, e se encantou com ele: o modo como ele falava sobre o universo, a forma como parecia tão seguro de si, ou apenas o fato de ele ser alguém que parecia estar no controle da própria vida, algo que ela sentia que ainda não tinha.

Eles começaram a se encontrar com frequência, muitas vezes se esbarrando pelos corredores do observatório ou nos cafês próximos, e as conversas logo se tornaram mais frequentes. Tyler tinha um jeito de provocar com suas ideias, desafiando Rose a pensar de maneiras diferentes sobre ciência, sobre a vida e sobre o que ela queria para si mesma. Eles tinham uma química imediata, uma energia que parecia conduzir os dois para um vínculo que, embora intenso, parecia ao mesmo tempo, fugaz.

— Você é fascinante, Rose — disse Tyler certa vez, olhando nos olhos dela enquanto tomavam café após um longo dia de trabalho. — Você tem esse olhar curioso, quase como se estivesse sempre buscando coisas inovadoras, que algum dia mudarão o mundo que conhecemos hoje.

Rose sorriu, nervosa.

— Talvez eu esteja procurando respostas. Mas quem não está, não é?

Logo, o que começou como conversas casuais e trocas de ideias se transformou em um sentimento a mais. A atração física entre eles cresceu, e em uma noite quente de verão, quando os dois estavam sozinhos em uma varanda do observatório, o relacionamento deles se concretizou. A noite foi intensa, cheia de emoção e uma sensação de que aquilo poderia ser o começo de algo promissor.

Mas ao mesmo tempo, uma dúvida sutil pairava entre eles. Tyler era ambicioso e determinado a explorar as fronteiras da física. Rose, por outro lado, ainda tentava encontrar seu lugar na ciência. Eles compartilhavam a mesma paixão pelo cosmos, mas seus objetivos e perspectivas de vida eram diferentes. No fundo, ambos sabiam que a jornada que os unira poderia também ser o que os separaria no futuro.

Ainda assim, nos meses seguintes, eles viveram uma relação intensa. Compartilharam sonhos, ideias e momentos inesquecíveis sob as estrelas, como se cada noite fosse uma promessa silenciosa de que, por mais breve que fosse, aquele amor deixaria uma marca profunda em suas vidas.

CAPÍTULO 2 - NOVOS HORIZONTES

No entanto, apesar da paixão ter sido avassaladora, a relação deles era, de certa forma, incompatível. Tyler estava centrado em sua carreira, com os olhos voltados para as oportunidades internacionais que estavam surgindo. Ele via Arecibo apenas como um ponto de passagem, algo que o ajudaria a chegar mais longe. Rose, por outro lado, ainda estava se descobrindo e, embora muito atraída por Tyler, começou a perceber que ele estava distante demais, absorto em seu próprio mundo de física e descobertas.

Após quatro meses de um romance caloroso, mas tumultuado, Tyler recebeu uma oferta que mudaria sua vida. Ele havia sido aceito para um programa de pós-graduação em física em Londres, uma oportunidade que ele não poderia recusar.

Numa tarde de outubro, com um clima úmido no ambiente, Tyler chegou ao apartamento de Rose. O ar estava carregado com uma tensão silenciosa e ele não sabia exatamente como começar a conversa.

— Rose, eu... eu não posso continuar aqui. Eu tenho que ir. Londres me espera. Não sei como explicar, mas sei que é a melhor coisa para minha carreira.

Rose olhou para ele com o coração apertado. Não era uma surpresa; ela já sabia, de certa forma, que isso aconteceria. A paixão entre eles sempre parecia ter uma data de validade, uma decepção silenciosa que pairava sobre tudo o que faziam juntos.

— Eu entendo, Tyler, eu entendo o que você está fazendo. Você tem razão. Não posso prende-la aqui e você tem um futuro maior esperando por você.

Tyler a olhou, ainda com um pouco de dúvida nos olhos.

— Rose, você sabe que... que eu realmente me importo com você, não sabe? Eu não quero que você pense que isso foi fácil.

Mas Rose já estava em paz com isso, mesmo que seu coração estivesse partido.

— Eu sei, Tyler. E, honestamente, talvez seja melhor assim. Acho que nossas vidas estão indo em direções diferentes. Eu só quero que você seja feliz.

Eles se despediram naquela tarde, com um abraço apertado e um beijo suave, sabendo que, embora a paixão entre eles fosse verdadeira, as suas trajetórias profissionais e pessoais já os distanciaram demais.

Nos anos seguintes, Rose focou em si mesma e em sua carreira. Sentiu o impacto da separação, mas usou esse período para se reinventar.

Em 1970, após um tempo trabalhando em Arecibo e ganhando experiência com radioastronomia, Rose decidiu que podia ir além. Ela desejava ser mais do que assistente administrativa no observatório. Ela se inscreveu na universidade local e começou a estudar astrofísica. Ela estava disposta a aprender o que fosse necessário para entender o universo e, quem sabe, contribuir para as descobertas que estavam sendo feitas na época.

Foi nesse momento que Rose conheceu o Dr. Michael Carter, professor de radioastronomia. Ele era um homem experiente, com uma presença imponente, mas também uma gentileza que a fez se sentir confortável para perguntar e aprender. Carter viu rapidamente o potencial de Rose e começou a guiá-la em sua jornada acadêmica. Ele a encorajou a se aprofundar em seus estudos e a segui-los de forma audaciosa.

— Você é capaz de mudar o mundo, Rose — disse ele durante o intervalo entre as aulas. — A ciência precisa de pessoas como você, aquelas que não têm medo de questionar e desafiar.

Em 1975, com sua graduação em mãos, Rose estava pronta para dar o próximo passo: ingressar no laboratório de radioastronomia de Arecibo. Lá, ela começaria a trabalhar ao lado dos maiores cientistas do mundo. Ela sentia uma mistura de excitação e nervosismo, mas estava confiante de que o trabalho seria desafiador e gratificante.

Mal sabia ela que, no mesmo ano, Tyler retornaria a Arecibo. Após anos em Londres e em outros centros de pesquisa internacionais, ele havia sido transferido para o laboratório que o havia lançado no mundo da física. Ele havia se estabelecido como um físico de renome, mas algo, ou alguém, o atraía de volta — a sensação de que, em Arecibo, ele poderia finalmente completar suas pesquisas mais ambiciosas.

Quando eles se reencontraram no laboratório, o choque foi imediato. Ambos haviam mudado. Tyler, agora mais maduro, com um ar de alguém que havia conquistado mais do que

apenas seu lugar no mundo científico, e Rose, uma mulher com o brilho da realização e do conhecimento nos olhos.

O encontro não foi carregado de emoções como da primeira vez. Era quase como se ambos soubessem que as suas vidas haviam tomado rumos distintos e que o romance entre eles agora fazia parte de um passado distante. Havia se distanciado daquele velho vínculo emocional, com a ciência agora sendo o que realmente os unia. O que restava entre eles era uma conexão silenciosa, de reconhecimento e respeito por tudo o que tinham sido e pelo que haviam se tornado.

Conforme os dias passavam, Rose e Tyler começaram a interagir profissionalmente. Inicialmente, as trocas eram formais e objetivas, mas, com o tempo, o diálogo se tornou mais natural. O respeito que tinham um pelo outro foi a base para uma nova forma de relacionamento. Eles se tornaram colegas que compartilhavam ideias, teorias e descobertas.

Uma noite, após um longo dia de observação no telescópio, Rose e Tyler se encontraram sozinhos no terraço do observatório. O céu estava incrivelmente limpo, repleto de estrelas que pareciam brilhar mais forte do que nunca.

— É engraçado — comentou Tyler, com um leve sorriso. — No fim das contas, voltamos para onde tudo começou.

Rose olhou para ele e assentiu.

— Sim, mas somos pessoas diferentes agora. Acho que o universo gosta de brincar com nossas trajetórias.

Ele soltou uma risada baixa.

— Talvez. Ou talvez ele apenas nos dê novas oportunidades para aprendermos com o passado.

Ela sorriu de volta, contemplando o céu. Rose sabia que a história entre eles não era mais sobre amor romântico, mas sobre crescimento, amadurecimento e a paixão compartilhada pela ciência. Era um novo começo, não como amantes, mas como parceiros no conhecimento do cosmos.

CAPÍTULO 3 - UMA DESCOBERTA PROMISSORA

Era agosto de 1977 quando eles estavam trabalhando incansavelmente no radiotelescópio de Arecibo. O calor tropical de Porto Rico fazia com que o ar parecesse denso e pesado, mas dentro do observatório a temperatura era controlada, criando um contraste quase sufocante. O ambiente estava silencioso, exceto pelo som suave dos monitores e teclados, interrompido apenas pela ocasional batida de um dedo apressado. A iluminação fria das telas refletia nos rostos concentrados dos cientistas, projetando sombras angulares nas paredes brancas e estéreis do laboratório.

Rose, uma mulher de 35 anos, ruiva, com olhos de um verde profundo que brilhavam com curiosidade incessante, estava completamente absorta no trabalho. Seus cabelos, levemente ondulados, estavam presos em um coque bagunçado, refletindo o quanto ela estava imersa naquela pesquisa. Ela era conhecida por sua mente brilhante e uma energia vibrante que a tornava uma força criativa dentro da comunidade científica. No entanto, essa mesma energia a fazia tomar decisões impulsivas, movida pela vontade de quebrar barreiras e descobrir o que outros consideravam impossível. O cheiro de café frio pairava no ar, misturado ao odor metálico dos equipamentos eletrônicos, enquanto pilhas de papéis rabiscados com anotações estavam espalhadas sobre a mesa.

Ao seu lado, Tyler, um homem de 38 anos com cabelos escuros e médios, agora começando a exibir alguns fios prateados nas têmporas, observava os dados com calma e rigor. Seus olhos castanhos, profundos e sérios, raramente demonstravam qualquer emoção, mas seus gestos — como passar a mão pelos cabelos ou ajustar a postura — indicavam o quanto ele estava tenso. Tyler preferia sempre a abordagem meticulosa e lógica, evitando agir por impulso, o que contrastava com a energia mais impetuosa dela. Ele sempre mantinha sua xícara de café por perto, agora esquecida ao lado de um bloco de notas com cálculos rápidos. Seu jaleco estava levemente amarrotado, como se ele tivesse passado horas se inclinando sobre a bancada.

Trabalhavam em uma das maiores e mais poderosas instalações científicas do mundo, especializada em capturar sinais do espaço profundo. A dedicação deles à pesquisa de sinais cósmicos era imensa, mas o que aconteceu naquela noite de verão iria mudar tudo.

Foi quando apareceu, em letras grandes e claras na impressão de papel — o "Sinal Wow!" — um fenômeno inexplicável. Um sinal intenso, de uma frequência única, que parecia emanar de uma região do espaço profundo, longe de qualquer estrela ou planeta conhecido. A intensidade e a regularidade do sinal indicavam vida inteligente por trás dele, coisa que até então eles só poderiam imaginar. Rose e Tyler se entreolharam, sabendo que haviam feito uma descoberta histórica.

— Isso é... isso é real? — Rose murmurou, sua voz tremendo de excitação. Ela não podia acreditar. Aquilo parecia além de qualquer explicação científica simples.

Tyler, mais calmo, olhou para a impressão com cuidado.

— Ainda precisamos confirmar. Pode ser um erro, algum tipo de interferência.

Sua voz era cautelosa, como sempre. Ele sabia que poderiam estar à beira de um achado revolucionário, mas sua abordagem era meticulosa. Ele não queria se precipitar.

Rose estava em um turbilhão de pensamentos. Ela não conseguia parar de imaginar as possibilidades.

— Eu sei que isso não é um erro, Tyler. Isso é... outra coisa. Pode ser vida inteligente, uma comunicação...

Tyler olhou para ela, franziu a testa.

— Rose, precisamos analisar os dados com cuidado. Podemos estar nos precipitando.

Mas Rose, com uma energia que não podia ser contida, já se via além das análises. Ela queria mais, queria uma resposta. Não seria suficiente apenas ficar ali, esperando. Ela queria agir. E foi exatamente o que fez.

Sem consultar Tyler, Rose alterou a frequência da transmissão e enviou uma resposta para o espaço. Não era apenas uma repetição do sinal que haviam detectado, ela tinha mudado a modulação, na esperança de chamar mais atenção. Quando ela apertou o botão de envio, sentiu uma mistura de excitação e medo. Agora, quem quer que tenha recebido o sinal, sabe que estamos aqui.

Tyler virou-se abruptamente, seu rosto fechado de frustração.

— Você fez o quê?! — disse, a voz elevada, quase como um grito. — Não podemos agir assim, Rose! Você não pode simplesmente fazer isso sozinha, existem inúmeros protocolos a se seguir em um caso como esse, até a NASA tem que estar envolvida nisso!

Rose se virou, sua expressão furiosa, os olhos brilhando com uma mistura de desafio e raiva. Mas, por um breve momento, seus olhares se encontraram. E, por trás da raiva, algo mais parecia pulsar ali. Algo que nenhum dos dois queria admitir.

— Eu sabia que era a coisa certa a fazer! — ela respondeu, a voz firme e cortante, e, por um segundo, a tensão entre eles se diluiu. A proximidade de Tyler, o modo como ele se preocupava com ela, mexia com algo dentro dela, mas ela forçou a raiva a tomar conta. — Não podemos perder essa oportunidade, Tyler. Precisávamos enviar uma mensagem. Temos de saber o que há lá fora!

O olhar de Tyler endureceu, mas havia algo mais ali, uma preocupação mais profunda do que apenas os protocolos. Ele sabia que, a partir daquele momento, nada mais seria o mesmo.

Rose o olhou, os olhos cheios de lágrimas, mas não deixou que elas caíssem. Ela se virou e saiu, o som de seus passos ecoando no silêncio da sala. Quando a porta se fechou atrás dela, alguma coisa dentro de Tyler morreu. Ele sabia que aquela discussão os afastaria por muito tempo. Talvez para sempre.

Anos se passaram desde a última vez que Rose e Tyler trocaram palavras no radiotelescópio de Arecibo. O que havia começado como uma parceria científica sólida se desfez naquele momento tenso de 1977. Tyler, com sua lógica meticulosa e cuidadosa, não conseguiu acompanhar a ousadia e a urgência de Rose. Ela, movida pela busca implacável por respostas, seguiu seu caminho sem olhar para trás, enquanto ele se retirava para a segurança de sua própria solidão científica. Depois daquele dia, Rose nunca mais o viu.

Ela seguiu em frente com sua pesquisa, imersa em novas descobertas e perigosos experimentos, mas a sombra da separação com Tyler sempre pairava sobre ela. Ela havia feito escolhas impulsivas, tomado decisões que haviam transformado sua vida e sua carreira. Tyler havia sido a âncora que ela jogou fora em busca de algo mais. Mas a verdade é que, em seu coração, ela sempre soube que havia perdido muita coisa naquele dia, embora nunca admitisse.

O tempo passou e o mundo à sua volta continuou a girar. Ela se tornou uma cientista reconhecida, mas as lembranças daquela noite com Tyler, sua frustração, sua raiva, e até o desejo de que as coisas tivessem sido diferentes, nunca a deixaram. Mas ela nunca procurou por ele. O orgulho e a dor daquela separação a mantiveram afastada.

CAPÍTULO 4 - RECEBEMOS O SINAL!

Era Agosto de 1981 e Rose morava em uma casa simples, localizada na região calma e montanhosa em Arecibo, bem próximo ao radiotelescópio. A casa era pequena, com um estilo rústico e acolhedor, construída com materiais locais e naturais, como madeira e pedra.

Porém, o que havia começado como uma mera curiosidade tornou-se uma confirmação que ela não conseguia ignorar. Uma nave alienígena havia caído no quintal de sua casa, com um estrondo que ressoou por todo o ambiente. Como não havia vizinhos próximos, ninguém escutou. Quando a poeira baixou, ela se aproximou cautelosamente, seu coração batendo forte na garganta. A nave era enorme, com uma superfície metálica que refletia a luz do sol de maneira estranha, quase como se estivesse viva. Mas o que a fez congelar foi o ser que emergiu de dentro dela.

Korran era uma presença imponente e misteriosa, mas havia alguma coisa nele que Rose não podia decifrar. Seu corpo humanoide exibia uma silhueta esguia e musculosa, como se tivesse sido esculpido com precisão. Sua pele, de um tom escuro, quase obsidiana, com nuances de azul profundo que pareciam mudar dependendo da luz, refletia uma aura que o tornava quase etéreo, como se sua forma estivesse em constante transformação. A armadura vermelha que Korran usava contrastava dramaticamente com sua pele, feita de uma liga alienígena desconhecida, ajustada perfeitamente ao seu corpo. No centro de sua armadura, um símbolo intrincado parecia brilhar com uma luz própria e linhas finas de luz branca se entrelaçavam pelo seu corpo, pulsando como se estivessem conectadas diretamente a sua essência.

Seus olhos, profundos e penetrantes, não eram apenas janelas para seu interior, mas instrumentos de manipulação. Eles dançavam com cores mutantes, um jogo hipnótico de luzes e sombras que, em momento algum, pareciam revelar suas intenções reais. Havia algo em seus olhos que atraía, mas ao mesmo tempo inquietava, como se ele soubesse exatamente o que cada pessoa ao seu redor desejava ouvir. Ele sabia como tocar nas emoções de quem o olhasse, mas nunca se entregava.

Ele tinha a aparência de um ser nobre, mas sua postura e gestos traziam um tipo de inteligência dissimulada. Cada movimento seu parecia calculado, como se estivesse sempre observando, sempre esperando o momento certo para falar, para convencer, para manipular.

Ele sabia como esconder suas verdadeiras intenções atrás de uma fachada de autoridade e urgência, mas Rose já começava a sentir que algo não estava certo. Korran era mais do que apenas um emissário de um planeta distante – ele era um mestre da persuasão.

— Eu sou Korran, de Zyphos — disse ele com uma voz suave e controlada, os olhos fixos nos dela, como se tentasse ler sua mente. — Nossa civilização detectou um sinal vindo de sua localização e acreditamos que você possua o conhecimento necessário para ajudar a salvar o Universo.

Ela franziu a testa, seu olhar desconfiado. Algo nas palavras dele soava forçado, como se ele estivesse simplesmente esperando para ver como ela reagiria.

— O Universo? Salvar o Universo de quê? — perguntou ela, sua voz mais firme, tentando esconder a tensão crescente.

Korran sorriu de maneira quase imperceptível, seus lábios se curvando ligeiramente. Ele sabia que estava lidando com uma mente afiada, mas ele já tinha um plano. Ele sabia como conduzir as pessoas a acreditar nas mentiras que ele tecia com tanta facilidade.

— Existe uma falha no espaço-tempo, uma anomalia que ameaça consumir tudo. Só alguém com seu tipo de conhecimento pode estabilizá-la antes que seja tarde demais. Eu preciso de sua ajuda para reunirmos uma equipe que viaje até Zyphos, onde resolveremos isso — disse ele, seu tom grave e urgente, como se estivesse compartilhando uma verdade inegável.

Ela permaneceu em silêncio, mas dentro dela, sua intuição se agitava. Era impossível confiar completamente em Korran, especialmente depois de ouvir a maneira como ele falava. Tudo nele parecia meticulosamente ensaiado, como se ele estivesse jogando um jogo, e ela era apenas uma peça em sua estratégia.

— E por que eu? O que você não está me contando, Korran? Como posso ter certeza de que você não está apenas manipulando as circunstâncias a seu favor? — perguntou ela, sua voz agora mais dura, com uma firmeza que não tinha antes.

Ele deu um passo à frente, sem pressa, mas seus olhos brilharam com uma luz fria. Ele sabia que o momento de convencer Rose havia chegado e não iria desperdiçar a oportunidade.

— Você tem o conhecimento, Rose. Sua mente é única, é capaz de compreender a complexidade dessa falha de espaço-tempo. Você pode salvar todos nós. Mas mais importante, você não tem escolha. O que você faz agora determinará o futuro de todos os seres vivos.

Ele estava jogando com seus sentimentos, com suas dúvidas. Ele sabia que a pressão emocional que estava aplicando em Rose a faria hesitar, e isso era exatamente o que ele queria. Korran sempre jogava para ganhar e estava determinado a fazer com que ela jogasse o seu jogo.

— Eu não vou me deixar manipular tão facilmente — disse Rose, mais firme, sua desconfiança crescendo. Ela deu um passo para trás. — O que você realmente quer, Korran? Não me venha com essas palavras vazias sobre salvar o Universo. Eu quero a verdade.

Korran a observou por um momento, seu olhar profundo, como se estivesse analisando o peso de suas palavras. Ele sabia que Rose começava a suspeitar dele, mas ele também sabia as palavras certas para contornar qualquer dúvida que ela tivesse.

— A falha no espaço-tempo não é apenas uma ameaça ao Universo — disse ele, com uma voz mais suave, como se estivesse revelando algo confidencial. — Ela foi causada por um erro, um erro feito por nossa própria civilização. E você, Rose, é a chave para corrigir isso. Mas para fazer isso, precisamos de você em Zyphos. Só você pode consertar tudo.

Rose o observou com mais atenção agora. Havia algum detalhe em sua expressão que a fazia sentir que ele não estava contando tudo. O fundo de seus olhos parecia esconder uma verdade sombria. Mas, de alguma forma, ela sabia que o destino do Universo, ou ao menos o destino dela, estava entrelaçado com as palavras daquele ser astuto.

— Vou reunir algumas pessoas, Korran. Mas, se eu descobrir que você não está sendo honesto comigo, estarei fora. E você não terá mais chances.

Korran assentiu, um sorriso quase imperceptível. Ele sabia que estava mais perto de conseguir o que queria, mas também sabia que a verdade, por mais distorcida que fosse, viria à tona. E, quando isso acontecesse, ele estaria pronto para virar o jogo a seu favor.

— Eu conto com você, Rose. A viagem começa em breve.

CAPÍTULO 5 - VOCÊ PRECISA CONVERSAR COM ELE...

Com o peso da decisão sobre seus ombros, ela sabia que tinha pouco tempo. A falha no espaço-tempo não esperaria por ninguém. Ela olhou uma última vez para a nave de Korran, que permanecia em seu quintal como uma lembrança do que estava por vir. Seu coração ainda estava dividido, mas a urgência de sua missão não lhe dava muito espaço para hesitar.

O primeiro passo era recrutar uma equipe e quem mais poderia ser uma escolha óbvia senão o seu antigo professor de radioastronomia, Dr. Michael Carter? Ele fora uma figura central na sua formação, alguém que, apesar de sua rigidez acadêmica, sempre a incentivou a pensar além das fronteiras da ciência convencional. Se alguém tinha o conhecimento necessário para entender as complexidades da anomalia que ameaçava o universo era ele.

Rose pegou seu casaco e saiu pela porta, com a determinação renovada. A casa de Dr. Carter ficava não muito longe e ela sabia exatamente onde ele morava. Ele se afastara do mundo científico há alguns anos, após um incidente que o deixou desiludido com as instituições acadêmicas, mas ainda era uma mente brilhante, talvez até mais importante agora do que nunca.

Ao chegar à casa de Carter, Rose sentiu uma pontada de nostalgia ao ver a construção simples, mas imponente, com um jardim bem cuidado e o cheiro familiar de livros antigos. Ela bateu à porta, esperando que ele estivesse em casa.

Após alguns segundos, a porta se abriu e lá estava o homem que ela ainda lembrava bem — uma figura alta, com cabelos grisalhos e uma expressão que parecia imperturbável, mas que, por dentro, sempre escondia um vulcão de ideias.

— Rose... — ele disse, sem surpresa, como se já soubesse que ela viria. — Não sou mais um cientista. O que quer de mim?

A saudade apertou o peito de Rose, mas ela não deixou que isso a dominasse. O motivo da visita era mais urgente do que qualquer emoção do passado.

— Dr. Carter, preciso da sua ajuda. Há alguma coisa acontecendo e que você, com sua experiência, pode entender melhor do que qualquer outro. Uma falha no espaço-tempo que

está ameaçando o Universo. Eu... — ela hesitou por um instante, escolhendo as palavras com cuidado — ...preciso que você me ajude a entender como corrigir isso. Você é a única pessoa que pode me ajudar a reunir a equipe certa.

Carter a olhou por um longo momento, suas sobrancelhas se franzindo enquanto ele refletia. No fundo, ela sabia que ele ainda acreditava além.

— Eu não sou mais a pessoa que você procura, Rose. Já não sou mais um cientista. A verdade é que, depois de tantos anos de fracasso, de tentativas frustradas, de ver o que o mundo se tornou, desisti. Não tenho mais paciência para isso.

Rose ficou em silêncio, tentando processar a rejeição. Era difícil ouvir isso, especialmente de alguém tão fundamental para sua formação. Mas ela não podia se dar ao luxo de desistir.

— Dr. Carter, por favor... A situação é mais grave do que qualquer coisa que já vimos. Você é o único que pode me ajudar a entender isso de forma real, com a profundidade científica necessária. Não é só mais um experimento. Estamos falando de vidas, de tudo que conhecemos... A sua experiência é essencial.

Ele suspirou pesadamente e deu um passo para trás, convidando-a a entrar.

— Você se esqueceu de uma coisa, Rose. A ciência não é só sobre encontrar respostas. Às vezes, é sobre fazer as perguntas certas, e você está se esquecendo da principal: *por que* isso está acontecendo? E mais importante, *quem* está manipulando tudo isso.

Rose ficou em silêncio, olhando para Carter enquanto ele ponderava sobre sua decisão. Ela sabia que ele estava tentando lhe passar um raciocínio lógico, mas havia uma coisa que ainda a prendia, e que não fazia sentido em sua mente.

Foi quando ele, de repente, disse o nome dele:

— Você precisa falar com Tyler.

O impacto daquelas palavras foi avassalador. Uma coisa em seu peito apertou, como se uma corrente antiga tivesse sido solta, trazendo de volta um turbilhão de sentimentos que ela tentou enterrar. Tyler... O nome dele parecia tão distante, mas ao mesmo tempo, perto,

como se ela pudesse ainda sentir o calor daquelas tardes de observação, o brilho suave dos telescópios sob o céu noturno e a risada deles, tranquila, mas cheia de emoção

Carter percebeu a mudança sutil em seu olhar, o rubor que se espalhou pelo rosto de Rose. Ele sabia. Sabia que aquela era uma memória que Rose tentava afastar, mas que, de alguma forma, ainda tinha o poder de tocá-la de maneira profunda.

— Você sabe, Rose... — Carter começou, suavemente, como se estivesse tocando uma ferida, mas com cuidado. — Tyler sempre foi mais do que só um colega de trabalho para você. Não estou dizendo que é só isso, mas... o que aconteceu entre vocês não desapareceu da noite para o dia. Ele tem o que você precisa e, talvez, também, o que *vocês* precisam.

Rose baixou o olhar, sentindo seu peito apertar de novo. A memória da última vez que vira Tyler voltou com clareza: a raiva nos olhos dele, a frustração em sua voz, as palavras amargas que foram trocadas. Ele havia dito coisas que, na hora, pareciam fazer sentido, mas que com o tempo se mostraram vazias e cruéis. Ela sabia que ele não o faria de novo, não depois do que acontecera entre eles, mas...

— Eu não posso fazer isso, Dr. Carter. Não depois de tudo. — Sua voz soou quase um sussurro, como se, ao dizer aquelas palavras, pudesse finalmente enterrar tudo o que sentia.

Carter, no entanto, deu um sorriso tênue, quase com pena. Ele estava vendo o que ela não queria enxergar. Rose ainda guardava aquele afeto disfarçado, aquela saudade que teimava em ser ignorada, mesmo quando ela mesma tentava afastá-la. E ele sabia que a única maneira de Rose encontrar a resposta para tudo era enfrentar esse passado que ela ainda carregava.

— Você nunca vai saber até tentar, Rose. O que aconteceu entre vocês... não é o fim. Eu sei que você guarda algo que você mesma se recusa a admitir. Tyler sempre teve a habilidade de entender você, talvez melhor do que qualquer um de nós.

O nome dele, Tyler, soou mais uma vez e a menção trouxe uma onda de lembranças, todas mais vívidas e mais intensas do que ela imaginara. Tyler, com seus olhos intensos, a forma como a olhava quando ela falava sobre suas teorias, o jeito como ele se aproximava dela, quase de forma imperceptível, quando ela estava sozinha, imersa em suas ideias. Ela se lembrava do calor de seu toque, das discussões acaloradas que terminavam em risadas

nervosas. Ele sempre soubera como fazê-la se sentir viva, como se o mundo inteiro fosse apenas uma vasta tela esperando para ser explorada por eles dois, juntos.

Mas as coisas mudaram. Eles mudaram. E ela se afastou. Ela se lembrava da última conversa deles, a discussão que resultou em um corte doloroso, uma separação que parecia irreparável.

Mas agora, naquele momento, com as palavras de Carter, tudo parecia de alguma forma reavivado, como se o tempo não tivesse passado, como se fosse possível voltar atrás e corrigir as coisas. O que seria de Tyler agora? Ele ainda se lembraria dela da mesma maneira? Ou ele, como ela, teria guardado as feridas daquela época?

Carter observou a expressão de Rose, o conflito claro em seus olhos, e então falou, com um tom quase paternal:

— Você pode tentar seguir sem ele, mas não vai ser a mesma coisa, Rose. Ele sempre foi uma parte essencial de tudo isso. Se você quiser salvar o que ainda pode ser salvo, talvez seja hora de ir atrás dele.

Rose fechou os olhos por um momento, absorvendo a gravidade daquelas palavras. Não havia mais escapatória. Carter estava certo, de uma forma desconfortável e dolorosa. Ela precisava de Tyler, não apenas pela missão, mas por algo que nunca havia deixado completamente para trás.

Ela suspirou profundamente e, com um olhar determinado, levantou a cabeça.

— Eu vou atrás dele. Mas, se ele me afastar... se ele se recusar...

— Então você saberá que a decisão foi dele, e não sua — completou Carter, com um leve sorriso.

Rose virou-se para sair, mas antes de fechar a porta, ela parou por um momento. Tyler... aquele nome agora reverberava em sua mente de uma maneira que ela não esperava. Talvez o que eles tinham, o que ainda poderia existir entre eles, não fosse completamente perdido. E se fosse? Ela já não sabia o que mais perder.

Respirou fundo, com o coração mais apertado do que antes. No fundo, sabia que não havia mais volta. Ela precisaria enfrentá-lo, pelo bem do Universo, e talvez, também, pelo bem dela mesma.

CAPÍTULO 6 - UM RECOMEÇO PARA TODOS

O vento frio da madrugada fazia os galhos secos das árvores baterem contra a janela, um som oco e persistente que preenchia o silêncio da noite. A estrada deserta que levava até a pequena casa de madeira estava coberta por uma névoa fina, dando ao ambiente um ar quase irreal. Rose ajustou o capuz do casaco, encolhendo-se contra o frio. Seus dedos estavam gelados, mas não era só o frio que a fazia tremer. Ela parou diante da porta de madeira escura, respirou fundo e ergueu a mão para bater. Hesitou por um segundo, reunindo coragem. Já fazia anos desde a última vez que ela viu Tyler. A raiva nos olhos dele ainda ressoava em sua memória, um lembrete constante de tudo que perdera naquela noite trágica.

Ela bateu três vezes.

O som ecoou no interior da casa, espalhando-se na escuridão. Nenhuma resposta.

Rose apertou os lábios e bateu de novo, dessa vez com mais força. Seu coração martelava no peito e ela se perguntou se ele sequer a deixaria entrar. Passos pesados ecoaram do outro lado e, em seguida, a porta se abriu apenas o suficiente para revelar um par de olhos cansados e desconfiados.

— O que você quer? — A voz de Tyler era cortante, mas por trás da frieza, havia mais. Alguma coisa indecifrável.

— Eu sei que sou a última pessoa que você quer ver agora, mas precisamos conversar. É urgente. — Rose tentou forçar um sorriso, mas sabia que ele não cairia em truques tão baratos. Seu tom não era de súplica, mas de necessidade genuína.

Tyler cruzou os braços, bloqueando a entrada com seu corpo. Ele parecia mais magro, o rosto marcado por olheiras profundas, como se o peso dos anos tivesse se acumulado sobre seus ombros. O cabelo, agora mais grisalho nas têmporas, caía ligeiramente sobre os olhos, que a analisavam com frieza.

— Faz muito tempo que não vejo você... Há 4 anos, você violou todas as regras possíveis, desafiou ordens diretas e agora, depois de tanto tempo, aparece aqui no meio da noite? — A irritação em sua voz era evidente, mas havia algo mais ali. Um resquício de preocupação? Ou apenas cansaço?

Rose suspirou, baixando a cabeça por um instante. As palavras dele eram um golpe direto, mas ela já esperava por isso. O silêncio entre eles se estendeu por um momento, denso como a névoa ao redor.

— Eu sei. Eu errei. Mas não foi só isso, não é? Não foi só a minha insubordinação que nos trouxe até aqui. — Sua voz saiu mais suave do que ela pretendia, quase hesitante.

Tyler estreitou os olhos, cruzando os braços com mais força. — E o que mais foi então?

Ela hesitou por um instante antes de encará-lo. Os olhos verdes dela, que sempre haviam sido cheios de curiosidade inquieta, agora carregavam alguma coisa diferente. Uma vulnerabilidade que ela raramente demonstrava.

— Eu te afastei. Me importei mais com minhas descobertas do que com você, com o que construímos juntos. E agora... talvez seja tarde demais. — Sua voz era quase um sussurro, carregada de um arrependimento que ela nunca expressara antes.

A expressão dele suavizou ligeiramente, mas a dor ainda estava ali, latente. Um eco de mágoas passadas que o tempo não havia conseguido apagar.

— Rose, você sempre se jogou no desconhecido sem pensar nas consequências. Eu admirava isso, mas também... me assustava. Quando você enviou aquele sinal, ignorou tudo que combinamos, todo o respeito que eu achava que existia entre nós. — Sua voz era baixa, mas firme. Não havia ódio ali, apenas uma tristeza antiga.

Ela respirou fundo, sentindo o peito apertar. Tirou algo do bolso do casaco e depois estendeu para ele.

— Eu não posso mudar o passado, Tyler. Mas olha isso. — Ela lhe entregou uma foto polaroid amassada.

Ele pegou a imagem com hesitação, franzindo a testa. A foto mostrava uma estrutura metálica retorcida repousando sobre a grama alta, iluminada pela luz pálida da lua. Havia símbolos estranhos gravados nela que não pertenciam a nenhuma linguagem humana.

Os olhos de Tyler se abriram levemente. Ele virou a foto em ângulos diferentes, analisando cada detalhe. O silêncio que se seguiu foi quase ensurdecedor.

— Isso... não pode ser real. — Sua voz saiu num sussurro rouco.

— Mas é. — Rose deu um passo à frente, seu tom agora mais suave, mais esperançoso. — E eu preciso de você. Não apenas como cientista, mas como... você. Como Tyler. Eu não posso fazer isso sozinha.

Por um longo momento, ele ficou em silêncio. O vento uivou lá fora, sacudindo as árvores, enquanto o peso do passado pairava entre eles. Tyler passou a mão pelos cabelos, um hábito que ela conhecia bem. Um gesto de frustração, de indecisão. Mas então sua postura mudou. O peso da mágoa parecia ceder, dando espaço para um sentimento mais profundo, uma coisa que sempre estivera ali, sufocado pelos erros e pelo orgulho.

Ele ergueu os olhos para ela e por um instante, Rose sentiu o ar ficar mais denso ao seu redor. A distância entre eles parecia diminuir, não fisicamente, mas emocionalmente. A cicatriz de sua separação ainda estava ali, mas talvez, só talvez, houvesse um jeito de reconstruir o que foi perdido.

— Você sempre soube como me arrastar para suas loucuras. — Ele murmurou, um meio sorriso cansado se formando em seus lábios.

Rose soltou uma risada curta, nervosa. — E você sempre foi o único capaz de me manter no chão.

O silêncio que veio depois não era desconfortável. Era denso, carregado de tudo que ficou não dito. Então, num gesto hesitante e cheio de significados, Tyler ergueu a mão, tocando de leve o rosto dela. Rose fechou os olhos por um instante, se permitindo sentir aquele calor familiar, aquele toque que ela nem sabia que sentira falta até aquele momento.

E então, sem mais palavras, sem mais desculpas, ele a puxou para um beijo. Um beijo que era um pedido de desculpas e um recomeço ao mesmo tempo. Era um reconhecimento de tudo que haviam perdido e de tudo que ainda poderiam recuperar.

Quando se separaram, os olhos de Tyler brilhavam com algo novo – ou talvez algo antigo, resgatado do passado. Ele pegou o casaco pendurado na cadeira e olhou para ela.

— Vamos ver essa nave. Juntos.

Rose sorriu, sabendo que, dessa vez, não enfrentaria o desconhecido sozinha.

CAPÍTULO 7 - PARTIREMOS AO AMANHECER

O caminho até a casa de Rose foi silencioso. O motor do carro zumbia suavemente, preenchendo o vazio entre os dois. Tyler dirigia com uma expressão carregada de pensamentos, os dedos firmes ao volante, enquanto Rose, no banco do passageiro, observava a estrada pela janela, mordendo o lábio inferior. A paisagem de Arecibo se estendia em tons escuros sob a luz da lua, com as silhuetas das árvores projetando sombras longas e retorcidas pelo asfalto. O céu estava limpo, salpicado de estrelas brilhantes, mas a sensação estranha pairava no ar, como eletricidade estática prestes a se dissipar.

Quando chegaram, Rose desceu do carro e caminhou até a porta da casa, a madeira rangeu levemente e assim que ela entrou, o cheiro familiar de café recém-passado a envolveu. Franziu a testa. Ela não havia deixado nada preparado antes de sair.

Tyler entrou logo atrás dela, os olhos atentos varrendo o ambiente. — Você deixou o café preparado? — A voz dele soou baixa, desconfiada.

Rose balançou a cabeça lentamente, engolindo em seco. Seu olhar se moveu para a cozinha, onde uma tênue luz amarelada iluminava o interior. Algo estava errado. Com passos cautelosos, ela avançou.

E então, eles o viram.

Sentado à mesa, segurando uma xícara de café preto fumegante entre os dedos alongados, estava Korran. Sua presença era ao mesmo tempo estranha e hipnotizante. A armadura vermelha metálica envolvia seu corpo esguio e imponente, refletindo a luz suave da cozinha. Seus olhos, de um tom profundo e quase líquido, analisavam os dois calmamente enquanto ele levava a xícara aos lábios finos, como se estivesse degustando algo pela primeira vez.

Tyler arregalou os olhos, sua respiração presa na garganta. Seu corpo ficou tenso, cada músculo pronto para reagir ao menor movimento suspeito.

— O que... o que diabos é isso? — Sua voz saiu como um sussurro rouco, carregado de incredulidade e um toque de medo.

Rose permaneceu imóvel por um segundo antes de forçar-se a dar um passo à frente. Seus olhos não deixavam o alienígena, mas sua expressão não era de choque, e sim de uma estranha aceitação.

— Tyler... conheça Korran. Acho que ele gosta de café.

Korran pousou a xícara na mesa com um leve tilintar da porcelana e inclinou a cabeça para o lado, como se analisasse a reação deles. Seu semblante não mostrava qualquer emoção que pudessem identificar, mas seus olhos eram intensos.

— O gosto é intrigante. Amargo. — Ele disse, sua voz profunda e serena, como um eco reverberando dentro de um vasto espaço.

Tyler piscou algumas vezes, tentando processar o que via. Sua mente lógica lutava contra a cena surreal diante dele. Rose, por outro lado, sentia um misto de orgulho e medo. Ela sabia que o momento chegaria, mas não esperava que acontecesse dessa forma.

— Venha, preciso te mostrar algo. — Disse Rose, puxando Tyler pelo braço.

Ela o guiou para o quintal, onde o ar da noite estava carregado de umidade e um leve cheiro de terra molhada. A grama alta estava amassada em um círculo irregular, como se um disco gigantesco tivesse caído ali. O brilho metálico negro da nave refletia a luz pálida da lua, sua estrutura imponente e silenciosa, como um predador à espreita. Detalhes brancos azulados pulsavam suavemente ao longo da fuselagem, como veias de energia percorrendo o casco.

Tyler parou abruptamente, boquiaberto. Sua respiração ficou presa no peito.

— Meu Deus... isso é...

— Real. — Rose completou, observando atentamente sua reação. — E está inteira. Pelo menos por fora.

Korran os seguiu em silêncio, seus passos quase inaudíveis. Quando se aproximou da nave, suas mãos longas e finas deslizaram pela superfície escura. Os traços luminosos da fuselagem reagiram ao seu toque, pulsando mais forte por um breve momento antes de voltarem à sua luz suave.

— A estrutura ainda resiste, mas o núcleo foi danificado. O tempo e o espaço se distorcem ao redor. É instável. — Sua voz soou pensativa, mas havia uma urgência sutil ali. — Ainda assim, precisamos ir... temos pouco tempo antes que a falha no espaço-tempo aumente.

Tyler se aproximou cauteloso, os olhos fixos na nave. Seus dedos hesitaram antes de tocarem o metal frio. A sensação foi quase eletrizante, como se uma corrente invisível percorresse sua pele. Ele retirou a mão rapidamente e olhou para Rose.

— Como isso veio parar aqui? — Sua voz era um sussurro, como se falar mais alto pudesse quebrar a realidade ao seu redor.

Rose suspirou, os olhos brilhando com uma mistura de culpa e convicção.

— Por minha culpa. Eu enviei os sinais. E eles responderam. — Sua voz era baixa, mas carregava um peso imenso.

Tyler virou-se para encará-la, sua expressão oscilando entre incredulidade, admiração e uma ponta de pavor.

— Você realmente conseguiu... Mas se essa falha é tão séria, precisamos ir logo. — Havia algo novo na voz dele agora. Não era apenas ciência. Era aceitação.

Korran se virou para os dois, sua postura ereta e imponente. Seus olhos brilharam sutilmente sob a luz da lua.

— Arrumem as malas. Partiremos ao amanhecer. — Ele disse, sua voz ecoando no silêncio da noite, carregada de um tom definitivo.

Rose e Tyler se entreolharam. Não havia mais volta. O desconhecido os chamava e dessa vez, não havia como ignorar

CAPÍTULO 8 - PEQUENAS TURBULÊNCIAS

Amanhecia quando Rose, Tyler e Korran entraram na nave. O interior era espaçoso, com painéis brilhantes e comandos que se ativavam ao toque. As luzes azuladas piscavam suavemente, indicando que o sistema estava online.

— Estamos prontos para partir? — Tyler perguntou, ainda tentando absorver tudo.

Korran assentiu — A nave se adapta ao ambiente. Mas atravessar um buraco de minhoca nunca é simples.

Korran assumiu os controles — Segurem-se. Próxima parada: Zyphos.

A nave tremeu levemente enquanto ascendia. O céu azul de Porto Rico logo foi substituído pela vastidão escura do espaço. No horizonte, uma fenda luminosa se abriu, pulsando com energia. O buraco de minhoca.

Assim que entraram, a estrutura da nave começou a vibrar violentamente. Alarmes soaram. Pequenas rachaduras surgiram ao longo do casco.

— A nave está se despedaçando! — Tyler gritou.

— Ela pode se regenerar! — Korran respondeu — Mas precisamos sair do buraco de minhoca rápido!

Korran forçou os comandos. O painel piscava vermelho, mas então, lentamente, as rachaduras começaram a se fechar. A nanotecnologia entrava em ação, reestruturando o material da nave enquanto eles lutavam para sair da turbulência.

Após segundos que pareceram uma eternidade, a nave emergiu do outro lado. A turbulência cessou. À frente deles, Zyphos brilhava sob um sol azul, com seu céu levemente nublado e seus continentes com climas desérticos se destacando na pouca água que restava.

Tyler soltou um suspiro de alívio — Estamos vivos.

Korran olhou para eles — Bem-vindos ao meu lar.

CAPÍTULO 9 - KORRAN REVELADO

Ao aterrissarem em Zyphos, a nave ficou cercada por uma paisagem alienígena desolada. As cores do céu, um tom de lilás esbranquiçado, refletiam uma paisagem desértica e árida, salpicada por monumentos de uma civilização perdida. O silêncio era opressor, mas logo a tranquilidade foi quebrada por um som de passos pesados se aproximando.

De repente, uma unidade de soldados, todos com armaduras metálicas brilhando sob a fraca luz do planeta, cercou a nave. Rose, Tyler e Korran se viraram, um pouco desconcertados, mas preparados para qualquer coisa. O olhar de Korran, no entanto, não expressava nem um pinga de medo. Ele parecia estar esperando por isso, como se tivesse planejado tudo.

Antes que qualquer um dos soldados pudesse dar um passo em direção a eles, Korran deu um passo à frente, seus olhos refletindo uma confiança fria e imperturbável.

— Korran? — Rose perguntou, confusa.

Korran virou-se lentamente, seus olhos fixos nos de Rose. Havia algo de diferente em seu olhar agora, uma frieza impenetrável que ela nunca havia visto antes. Tyler também percebeu a mudança.

— Eu... — Korran respirou fundo, sua voz ganhando uma intensidade assustadora. — Eu reestruturei esse planeta... Mas a população se perdeu, se revoltou. Não quiseram aceitar o regime.

Ele se virou para os soldados, que estavam imóveis, aguardando suas ordens. Então, com um movimento brusco, Korran levantou a mão e fez um gesto de comando. Os soldados se afastaram, abrindo caminho para ele seguir em direção ao centro da formação.

— Eu sou o maior ditador de Zyphos agora. Eu instalei um regime autoritário que governa o planeta com punhos de ferro. O velho sistema de liberdade e revolução falhou. Zyphos precisa de ordem, de controle... de um líder que saiba o que é melhor para todos. E eu sou esse líder.

Rose ficou em choque. As palavras de Korran soavam como uma traição e, ao mesmo tempo, como uma revelação inquietante. Como ele, que parecia tão idealista quando conheceu

a Terra, agora poderia tomar tal decisão? Tyler sentiu um calafrio. Sabia que alguma coisa não estava certa desde o início, mas isso superava qualquer coisa que ele pudesse ter imaginado.

— Não... — Rose murmurou, dando um passo para trás. — Isso não pode ser verdade, Korran! Você... você não pode ser isso!

Korran sorriu sombriamente, o brilho de seus olhos indicando que ele estava em completa controle. Ele não parecia nem um pouco arrependido. Ao contrário, parecia satisfeito, como se tivesse finalmente encontrado seu propósito.

— Oh, mas eu sou, Rose. Eu sempre fui. — Ele olhou para os soldados novamente, que agora estavam se posicionando de forma tensa. — Agora, vou mostrar o que Zyphos realmente pode ser. Um novo império, com uma força que se espalhará por todo o Universo. E para isso, precisaremos de você, Rose.

O olhar de Korran se fixou nela com uma intensidade perturbadora. Rose sentiu um frio na espinha, e antes que pudesse dizer mais alguma coisa, ele se aproximou rapidamente e continuou, agora em um tom mais sombrio.

— Eu preciso de uma bomba, Rose. Uma coisa que leve Zyphos além, alguma coisa que nos permita colonizar outros planetas. Você tem o conhecimento. Eu sei que pode construir isso.

Rose tentou protestar, mas suas palavras morreram na garganta. Ela sabia que Korran estava falando sério. Ele não estava brincando. Ele estava pedindo o que ela jamais imaginou que teria que fazer.

— Você não pode me obrigar a fazer isso. — Rose tentou firmemente.

Korran sorriu novamente e seu sorriso era tão frio quanto o aço. Ele não parecia se importar com a resistência dela.

— Eu posso, sim. Porque você não tem escolha. Eu sou a única pessoa que pode garantir a sobrevivência de Zyphos. E se você não ajudar, será a vida de Tyler que estará em jogo.

A voz dele se tornou mais impositiva, e antes que Rose pudesse protestar novamente, os soldados avançaram, pegando-a pelas mãos e a forçando a seguir Korran.

Tyler tentou resistir, mas, sem sucesso. Os soldados o agarraram com força e o arrastaram para outro lado, para uma estrutura futurística e imponente que parecia uma prisão de alta tecnologia.

— Não! Korran, o que você está fazendo? — Tyler gritou, tentando resistir.

Korran não respondeu, mas seu olhar foi suficiente para fazer Tyler entender que ele não tinha mais poder. Tyler foi empurrado para dentro da cela, onde as portas se fecharam com um som metálico e ele foi deixado ali, sozinho, sem saber o que aconteceria com ele.

Por enquanto, tudo o que ele podia fazer era esperar. E rezar para que a verdade sobre Korran não fosse a última coisa que ele descobrisse neste planeta alienígena.

CAPÍTULO 10 - ABSTINTO: PERIGO IMINENTE

Os soldados a empurraram em direção a um grande edifício próximo — Eu preciso de você para finalizar o projeto que planejei. A bomba termonuclear Abstinto.

— Abstinto? — Rose repetiu, confusa e assustada. — Você está falando de uma arma?

Korran disse de maneira fria — Sim, uma arma. Mas não qualquer arma. Uma arma que pode mudar todo o equilíbrio do Universo. Com ela, posso reescrever as leis da física. Alterar a própria estrutura do espaço-tempo.

Ela foi levada para dentro do complexo, um grande edifício de aparência futurista, cheio de equipamentos estranhos e telas iluminadas. Lá, em uma sala fria e desolada, o que parecia ser um laboratório, a aguardava. Uma mesa estava coberta com papéis, fórmulas e dispositivos de aparência complexa.

— Eu precisarei da sua ajuda para resolver algumas fórmulas que estavam incompletas, Korran disse, observando enquanto ela era forçada a sentar diante de uma grande tela — Eu não sou um matemático como você, Rose. Mas sua inteligência... seus cálculos... eles são perfeitos para o que precisamos.

Rose engoliu em seco, olhando para os papéis espalhados sobre a mesa — Você vai destruir planetas com isso, não vai? — Ela sussurrou, horrorizada

— Não — Korran sorriu — Eu vou governar tudo. Zyphos será apenas o começo.

Rose fechou os olhos por um momento, sentindo a pressão em sua cabeça aumentar. Se ela completasse aquelas fórmulas, ela estaria ajudando a criar uma arma de destruição em massa. Mas ela sabia que não tinha escolha. Korran estava certo. Ela era a única que poderia concluir o projeto.

Enquanto isso, na prisão, Tyler pensava em uma maneira de fugir de lá e resgatar Rose.

CAPÍTULO 11 - A RESISTÊNCIA

Tyler estava trancado em uma cela fria e metálica dentro do complexo de Korran. Suas mãos estavam presas por algemas energéticas, que impossibilitavam qualquer tentativa de fuga. Sua mente girava com a preocupação por Rose. Ele precisava salvá-la.

Do outro lado do laboratório, Rose digitava equações no terminal, sentindo o peso da responsabilidade em cada número. Se concluísse a fórmula, estaria condenando mundos inteiros à destruição. Mas se se recusasse, Korran encontraria outra maneira—e possivelmente usaria Tyler como incentivo.

Foi então que as luzes piscaram. Um ruído estranho, como um sussurro metálico, ecoou pelos corredores. Rose parou o que estava fazendo e olhou ao redor, o coração acelerado.

De repente, uma figura feminina emergiu das sombras. Sua pele era esverdeada, os olhos de um branco brilhante e os cabelos longos, em tom escuro. Vestia um traje escuro, desgastado, com o símbolo de Zyphos rasgado no peito. Ela se movia com precisão, como alguém que conhecia aquele lugar melhor do que ninguém.

— Não diga nada — a estranha sussurrou, deslizando até Rose e digitando rapidamente no terminal — Estou desativando os protocolos de segurança.

— Quem é você? — Rose perguntou, sua voz mal saindo.

A mulher não parou o que estava fazendo. — Meu nome é Elira. Fui cientista-chefe de Korran antes de perceber o monstro que ele realmente é. Agora, estou com a resistência. — Ela olhou para Rose — E vocês são a melhor chance que temos para detê-lo.

Rose engoliu em seco — E Tyler?

— Já estou cuidando disso — Elira respondeu, ativando um holograma no pulso.

Na cela de Tyler, as algemas energéticas piscaram antes de se desligarem. A porta metálica destravou com um leve chiado. Tyler se levantou num salto, confuso.

Antes que ele pudesse reagir, uma abertura surgiu na parede e uma silhueta feminina apareceu — Venha comigo se quiser salvar Rose — Elira disse, acenando para ele.

Tyler não hesitou. Seguiu Elira pelos corredores escuros do complexo. Alarmes começaram a soar. Korran logo perceberia a fuga.

Quando chegaram ao laboratório, Rose já os esperava — Você está bem? — Tyler perguntou, segurando as mãos dela por um momento.

— Sim, mas precisamos sair daqui agora — ela respondeu, com os olhos carregados de urgência.

Elira liderou o caminho até um corredor secreto que levava ao exterior do complexo. Uma pequena nave furtiva os aguardava escondida entre as rochas próximas. Assim que embarcaram, Elira ativou os controles e decolou rapidamente.

A nave cruzou o céu crepuscular de Zyphos, deixando para trás as luzes ameaçadoras da fortaleza de Korran.

Depois de um tempo voando, Elira pousou na entrada de uma caverna escondida entre formações rochosas brilhantes. A atmosfera era mais quente ali, e o som de água gotejando ecoava no interior.

— Estamos seguros aqui. Pelo menos por enquanto — Elira disse, desligando os motores.

Rose e Tyler saíram da nave, observando o local. Dentro da caverna, figuras emergiam das sombras, outros zyphorianos, sobreviventes, membros da resistência.

Elira virou-se para eles.

— Bem-vindos ao último bastião de esperança de Zyphos.

A caverna era iluminada por cristais azulados incrustados nas paredes, lançando sombras dançantes sobre os rostos cansados dos membros da resistência. Havia pelo menos uma dúzia deles, alguns armados com rifles de energia, outros usando vestes de cientistas desgastadas pelo tempo e pela guerra.

E foi nesse momento que Tony emergiu do fundo da caverna.

Alto, de pele azulada com leves tons metálicos, olhos profundos que brilhavam em âmbar, Tony carregava no semblante as marcas do cansaço, mas também da liderança. Ele vestia uma jaqueta tática sobre roupas de tecido reforçado e carregava uma pulseira holográfica no braço esquerdo, cheia de projeções e dados.

Ele caminhou na direção deles, e seu olhar não era de desconfiança, nem de medo — era de quem carregava o peso do mundo nas costas.

— Esses são os humanos? — perguntou, a voz firme, porém carregada de uma gentileza contida.

— São — confirmou Elira. — Foram trazidos pelo colapso do buraco de minhoca. E se estão aqui, podem nos ajudar.

Tony assentiu lentamente, cruzando os braços.

— Eu sou Tony, comandante da resistência de Zyphos... pelo menos do que sobrou dela.

Por alguns segundos, Tyler e Rose apenas o encararam. A imponentia de sua presença era real, mas havia algo além da aparência física — um olhar marcado pela perda, pela dor, mas também por esperança.

Elira se colocou no centro do grupo, cruzando os braços enquanto observava Tyler e Rose.

— Vocês precisam entender o que realmente está acontecendo aqui — começou, sua voz carregada de gravidade.

Ela apontou para uma projeção holográfica que surgiu ao seu lado, mostrando a imagem de Zyphos antes do domínio de Korran. Era um planeta vibrante, com cidades reluzentes e um povo que prosperava.

— Nosso mundo já foi um centro de conhecimento e avanços científicos. Eu mesma fazia parte do Conselho de Pesquisa, ao lado de Korran. Nós desenvolvemos tecnologia que poderia transformar o Universo. Mas Korran tinha outra visão.

A imagem mudou, mostrando um período de caos: manifestações, prédios destruídos, soldados arrastando cidadãos algemados.

— Há um ano, ele orquestrou um golpe de estado. Com mentiras e manipulação, convenceu muitos de que Zyphos precisava de um líder supremo. Aqueles que resistiram foram caçados, presos ou executados.

Rose engoliu em seco.

Elira assentiu.

— Fomos poucos os que escapamos. Alguns cientistas se recusaram a colaborar e foram mortos. Eu mesma fugi no último momento. Agora, estamos aqui, lutando para derrubar um tirano antes que seja tarde demais.

Foi então que Tony deu um passo à frente, sua expressão endurecendo.

— Eu... — ele respirou fundo — fui um desses que demoraram para acreditar no que estava acontecendo.

Rose e Tyler o olharam, curiosos.

— Antes de tudo isso, eu era parte da Guarda Estelar de Zyphos, uma divisão científica e diplomática. Minha função era proteger o conhecimento, garantir que a tecnologia não fosse usada para guerra. Eu acreditava — ele fez uma pausa, apertando os punhos — que o progresso estava acima de qualquer conflito.

Ele olhou para os dois, a voz embargando levemente.

— Quando Korran começou a ascender, eu... fui ingênuo. Acreditei nas promessas dele. Que tudo aquilo era por segurança, por ordem. Eu... ajudei a construir parte dos sistemas que hoje ele usa para nos oprimir.

Por um segundo, o silêncio ficou pesado na caverna. Até os outros membros da resistência abaixaram os olhos, como se aquele peso não fosse só de Tony.

— Mas quando percebi... quando vi os campos de prisioneiros, quando assisti meus próprios colegas sendo executados como "traidores da ordem"... eu soube que era tarde demais. Fugi. E desde então, dedico cada segundo da minha existência a derrubar aquilo que ajudei, sem querer, a construir.

Ele se aproximou da mesa holográfica e ativou outra imagem: uma construção gigantesca, uma usina flutuante no espaço, rodeada por satélites armados.

— O projeto Abstinto. Eu estive lá. Eu conheço os códigos. Conheço as rotas. Sei como funciona o sistema de segurança. E é por isso que ainda estamos vivos. — Seu olhar ficou mais duro. — Eu não erro duas vezes.

Tyler olhou para ele, agora com uma expressão de respeito.

— Então... você não é só o líder da resistência. Você é a chave.

Tony assentiu.

— Talvez. — Seus olhos se suavizaram um pouco, encarando Rose e Tyler. — E vocês... vocês são a variável que Korran não esperava. A primeira rachadura na muralha.

Elira então mudou a projeção, mostrando o céu de Zyphos. Uma estrutura metálica brilhava ao lado de um enorme redemoinho de energia escura.

— O buraco de minhoca que trouxe vocês até aqui é instável. Ele foi aberto por acidente quando Korran começou a testar a Abstinto. Agora, sabemos que vai colapsar em um mês. Se isso acontecer, vocês ficarão presos aqui para sempre.

Rose arregalou os olhos.

— Um mês

Elira confirmou com um aceno.

— E Korran também sabe disso. É por isso que ele acelerou o projeto da bomba. Ele quer terminá-la antes que a conexão com o espaço-tempo se feche.

Tony se voltou novamente para eles, sua expressão endurecendo.

— E se ele ativar a Abstinto, não será apenas Zyphos que sofrerá. Essa bomba não é uma arma comum. Ela pode manipular as leis do Universo. Korran quer usar isso para remodelar a realidade como quiser. Precisamos impedi-lo. Ou nada mais importará. Nem este planeta. Nem o de vocês.

Tyler passou a mão pelos cabelos, assimilando as informações.

— Então precisamos entrar na fortaleza dele, destruir a bomba e esperar o buraco de minhoca reabrir para voltarmos para casa.

— Exato — Elira respondeu. — E só temos uma chance.

O silêncio preencheu a caverna por alguns segundos. Rose olhou para Tyler, seu olhar determinado.

— Vamos fazer isso.

Tyler assentiu.

— Vamos impedir Korran.

Tony cruzou os braços, e, pela primeira vez, um leve sorriso cruzou seu rosto sério.

— Bem... então, deem uma arma para esses humanos — disse, olhando para Elira. — Eles vão precisar.

E enquanto os membros da resistência começavam a preparar os equipamentos, Tony os observava — não apenas como aliados improváveis, mas como talvez... a última esperança não só de Zyphos, mas de todo o universo.

CAPÍTULO 12 - RETOMADA DE PODER

A alvorada tingia os céus de Zypnos em tons de roxo e laranja, mas não havia beleza naquele amanhecer—apenas a sombra da guerra. O vento carregava o cheiro metálico da poeira e da tensão que pairava no ar. Atrás das formações rochosas, soldados da resistência aguardavam, agachados, verificando suas armas improvisadas e sussurrando orações silenciosas.

Do outro lado da planície desolada, o bunker de Korran se erguia como um titã adormecido. Uma imensa fortaleza de metal negro, recoberta de torres de defesa e estruturas reforçadas. As luzes vermelhas de alerta piscavam ao longo de suas paredes, como olhos vigilantes esperando o ataque iminente.

Elira segurava seu comunicador com força. Seu rosto estava coberto de poeira e suor, mas sua voz manteve-se firme ao falar:

— Esse é o momento que esperávamos. Se falharmos, Zypnos estará perdido.

Rose ajustou a alça da arma energética que Elira lhe forneceu. A arma era pesada e fria em suas mãos, diferente de qualquer tecnologia que já tivesse tocado antes. Ao seu lado, Tyler engoliu em seco, tentando ignorar a complexidade da situação.

— Eles sabem que estamos aqui — Rose murmurou, sem tirar os olhos da fortaleza. — Korran não vai recuar sem luta.

Como se tivesse ouvido suas palavras, um barulho ensurdecido preencheu o vale. Os portões do bunker começaram a ranger, deslizando lentamente para os lados. Um exército emergiu de dentro da fortaleza, avançando com precisão militar.

A linha de frente era formada por soldados mecanizados de armaduras negras. Seus rostos eram cobertos por capacetes opacos e seus rifles emitiam um brilho vermelho pulsante, prontos para disparar. Atrás deles, tanques flutuantes deslizaram rente ao solo, carregando enormes canhões de plasma. No céu, drones armados cortavam as nuvens.

Elira respirou fundo, depois ergueu o punho no ar.

— Agora!

O primeiro tiro foi disparado. O campo explodiu em caos.

A resistência avançou, disparando suas armas rudimentares contra os soldados de Korran. O som de plasma cortando o ar se misturava com os gritos de guerra e o rugido das explosões. A poeira subia em nuvens grossas, obscurecendo a visão de quem estava em meio à batalha.

Tyler se jogou atrás de uma rocha enquanto um raio de plasma passou zunindo ao lado de seu rosto. Seu coração batia como um tambor dentro do peito.

— Não vamos conseguir vencê-los assim! — ele gritou, tentando se fazer ouvir em meio ao pandemônio.

Elira deslizou para trás de outra cobertura e apontou para um desfiladeiro à esquerda.

— Temos uma passagem! Se conseguirmos encontrar uma brecha no exército, podemos abrir caminho para o bunker!

Rose olhou ao redor, tentando absorver a carnificina. Um rebelde próximo foi atingido no peito e caiu para trás, seu corpo inerte na poeira. Ela rangeu os dentes e assentiu.

— Vamos!

Eles se moveram rápido, correndo entre os destroços e os corpos. Os tanques inimigos continuavam avançando, obliterando tudo em seu caminho. O calor das explosões queimava suas faces e o som de tiros preenchia seus ouvidos como um trovão ininterrupto.

Quando alcançaram o desfiladeiro, uma dúzia de rebeldes conseguiu os acompanhar. Eles abriram fogo contra os soldados mecanizados que tentavam segui-los, cobrindo a retirada de outros companheiros.

Então, uma explosão sacudiu o solo.

Um dos tanques de Korran foi atingido por uma bomba improvisada da resistência. O veículo de guerra balançou por um momento antes de explodir em uma bola de fogo, lançando destroços para todos os lados.

— A brecha está aberta! — Tony gritou.

— Vamos Tony! Os que restaram tentarão ganhar tempo — Elira ordenou.

A resistência correu para frente, usando a fumaça da explosão como cobertura. Cada passo era uma luta contra a morte. Os soldados de Korran caíam, mas muitos rebeldes também tombavam no campo de batalha.

Eles alcançaram a imensa porta metálica do bunker. O chão estava coberto de corpos e destroços. Elira puxou um pequeno dispositivo explosivo e o prendeu ao painel de segurança.

— Fiquem atrás!

O estrondo da explosão ecoou pelo vale e a fumaça se dissipou lentamente, revelando um enorme buraco na estrutura reforçada.

Tyler apertou o punho ao redor da arma, sentindo a adrenalina vibrar em seu corpo. Ele olhou para Rose, que assentiu silenciosamente.

— Vamos acabar com isso — ela disse.

Eles entraram.

CAPÍTULO 13 - O BUNKER DE KORRAN

O interior do bunker era sufocante, iluminado apenas por luzes vermelhas de emergência. As paredes eram feitas de metal escuro e o chão vibrava levemente, como se uma energia pulsante percorresse toda a estrutura.

O rugido da batalha lá fora começava a desaparecer conforme avançavam pelos corredores. O silêncio era quase mais assustador do que o barulho da guerra.

— Estamos perto — Elira sussurrou.

No fim daquele corredor, Korran os esperava.

E ele não deixaria a resistência vencê-lo sem lutar até o último instante.

Assim que o grupo cruzou o grande corredor de metal, uma sirene soou por toda a estrutura. Luzes vermelhas piscaram nos painéis laterais e um aviso em uma língua alienígena ecoou pelos alto-falantes.

Korran estava esperando por eles.

Antes que Elira pudesse reagir, enormes portas de aço desceram do teto, separando Tony do resto do grupo.

— NÃO! — Rose gritou, batendo a mão na porta enquanto via Tony desaparecer do outro lado.

Tony virou-se no último segundo, os olhos arregalados ao perceber que estava sozinho. O silêncio foi quebrado por uma risada baixa e ecoante.

— Separados, como insetos em uma teia — a voz de Korran soou pelo intercomunicador. — Vamos ver quem sobrevive à caçada.

Rose, Tyler e Elira tentaram forçar a porta, mas era inútil. O metal não cedia.

Tyler olhou para Elira, esperando uma resposta.

— Onde estamos?

Elira respirou fundo, olhando ao redor. O ar ali dentro era diferente—úmido, carregado de um cheiro adocicado e enjoativo. Eles estavam em uma sala de paredes transparentes, cobertas por trepadeiras escuras que pulsavam levemente, como se estivessem respirando. Pequenos organismos luminescentes flutuavam no ar, iluminando o teto alto.

— Eu conheço esse lugar — ela murmurou, engolindo em seco.

Rose e Tyler trocaram olhares.

— O que é isso? — Rose perguntou.

— Um antigo laboratório de experimentos biológicos — Elira respondeu, sua voz carregada de pesar. — Criaturas híbridas... feitas a partir de prisioneiros de guerra e DNA de Zyphos. Eu ajudei a construir esse lugar.

Antes que pudessem dizer mais alguma coisa, um ruído ecoou no espaço.

Do outro lado da estufa, as sombras começaram a se mover.

Lentamente, figuras humanoides emergiram da vegetação densa. Seus corpos eram distorcidos—braços longos demais, rostos sem olhos, bocas cheias de dentes afiados e pele cinzenta coberta de marcas luminescentes. Eles se moviam em espasmos, como se ainda não tivessem controle total sobre seus corpos.

Um deles inclinou a cabeça, farejando o ar.

Então, rugiu.

A criatura disparou na direção deles, e as outras seguiram.

— CORRAM! — Elira gritou.

Rose e Tyler se viraram e começaram a correr por entre as plantas crescidas, desviando de galhos e cipós. Os humanoides os perseguiram com velocidade, suas garras afiadas cortando o ar.

Tyler tropeçou em uma raiz e caiu, batendo as costas contra o chão.

A criatura mais próxima se lançou sobre ele.

— TYLER! — Rose berrou, pegando um pedaço de metal enferrujado e golpeando a criatura no crânio.

O monstro guinchou e cambaleou para trás, dando tempo suficiente para Tyler se levantar.

— Precisamos encontrar uma saída! — ele disse, ofegante.

Elira olhou ao redor e viu um painel quebrado no canto da estufa.

— Ali!

Eles correram, lutando contra os monstros que os cercavam. Rose disparou uma arma de energia contra um, enquanto Tyler usava pedaços de metal como armas improvisadas.

Quando finalmente chegaram ao painel, Elira apertou uma sequência de botões e um alçapão se abriu no chão.

— Vamos! — ela gritou, puxando os dois para dentro antes que mais criaturas pudessem alcançá-los.

A tampa do alçapão se fechou, silenciando os guinchos grotescos acima deles.

O perigo ainda não tinha acabado, mas pelo menos tinham escapado—por enquanto.

CAPÍTULO 14: KORRAN VS TONY

Do outro lado do bunker, Tony se viu em uma imensa sala metálica. O chão era liso e escuro, marcado por símbolos alienígenas brilhantes. O teto era alto, e armas automáticas estavam fixadas nas paredes, prontas para serem ativadas.

No centro, parado como uma estátua imponente, estava Korran.

Ele vestia uma armadura negra reluzente, com pequenos fragmentos de energia azulada pulsando em seu peito. Seus olhos brilhavam com um tom prateado ameaçador.

— Vocês realmente acharam que poderiam me derrotar? — Korran murmurou, cruzando os braços.

Tony cerrou os punhos, segurando firme seu rifle de energia.

— Não estou aqui para te derrotar. Estou aqui para te impedir.

Korran sorriu.

— Palavras vazias de um homem prestes a morrer.

Sem aviso, ele se moveu.

Um disparo azul cortou o ar, passando rente à cabeça de Tony, que rolou para o lado e revidou. Seus tiros ricochetearam na armadura de Korran, que avançava como um tanque, implacável.

Tony mal teve tempo de reagir antes de ser atingido por um disparo concussivo no peito. Seu corpo foi arremessado contra a parede metálica. A dor irradiou por suas costelas. O visor do capacete rachou.

Korran avançou como um predador, recarregando o canhão acoplado no braço.

Tony se levantou com dificuldade, limpando o sangue no canto da boca.

— Você... não é invencível.

Ele puxou uma pistola de energia do coldre, uma arma que havia roubado dos soldados de Korran durante a invasão.

Korran riu.

— Que tolice.

Ele ergueu a mão, e um pulso de energia azul se formou. Tony saltou no último segundo, rolando, enquanto o raio explodia atrás dele, destruindo parte da parede.

Ofegante, Tony disparou. Três, quatro tiros. Um deles atingiu Korran no ombro, fazendo faíscas saltarem, mas sem perfurar a armadura.

Korran avançou, desviando dos disparos. Com um movimento preciso, ele golpeou a mão de Tony, derrubando a pistola.

— Você não é nada além de um ser fraco.

Ele empurrou Tony ao chão e ergueu o pé, pronto para esmagá-lo.

Tony rolou, pegou uma das armas caídas—um rifle de assalto de plasma—e, com um disparo rápido, atingiu Korran na perna.

O alienígena rugiu em dor e recuou, faíscas e fumaça saindo do local atingido.

Tony se levantou de uma vez, ofegante.

— Você sente dor? — perguntou com um sorriso cansado.

Korran cerrou os dentes, olhou para o estrago na perna e puxou fora o componente quebrado, jogando-o no chão.

— Você pagará por isso.

Mas, antes que ele pudesse atacar, um estrondo ecoou pela sala.

Uma explosão vinda do outro lado do bunker. O sistema de defesa externo estava sendo atacado.

Por um breve momento, Korran hesitou.

Foi o suficiente.

Tony agarrou um rifle de energia mais pesado que estava no chão e disparou contra Korran. O tiro atingiu seu peito, jogando-o para trás. A armadura trincou, parte da proteção do tórax se soltou.

Korran se ergueu lentamente, limpando o sangue azul que escorria da lateral do rosto.

— Você acha que me feriu? — murmurou, com a voz baixa, quase divertida. — Você não entende nada, humano.

Tony segurou firme a arma, seus olhos fixos no inimigo.

— Eu entendo o suficiente — rebateu. — Você não passa de um tirano.

Korran soltou uma risada seca, quase triste.

— Um tirano... — repetiu. — Talvez. Mas você quer saber por que estou aqui? Por que fiz tudo isso?

Tony permaneceu em silêncio.

Korran deu um passo à frente, sua presença dominando o ambiente.

— Você acha que eu sempre fui esse monstro? Um ditador que governa com punho de ferro? Você não sabe nada sobre mim.

Tony estreitou os olhos, sem baixar a guarda.

— Então me ilumine.

Korran respirou fundo. Seu olhar ficou distante, mergulhado em memórias antigas.

— Meu pai era um alcoólatra. Um miserável fracassado, afundado em dívidas e ódio. Todas as noites, ele voltava bêbado... e descontava na minha mãe. Eu era pequeno demais pra fazer qualquer coisa. Só ouvia... os gritos.

Tony não disse nada, mas sua expressão mudou levemente.

Korran continuou:

— Quando fiz sete anos, ele decidiu me “ensinar” como o mundo funciona. Me levou numa extorsão. Uma mercearia... de um velho que nos conhecia.

Tony engoliu em seco.

— E o que aconteceu?

Korran apertou os punhos.

— O dono reagiu. Meu pai atirou. A polícia chegou rápido... Mas não estavam ali para prender ninguém. — Sua voz ficou mais amarga. — Eles pegaram meu pai... torturaram ele na minha frente. Quebraram cada osso... enquanto eu estava coberto pelo sangue dele.

Houve uma pausa. O vazio no olhar de Korran parecia mais pesado que sua própria armadura.

— Então o mataram. E foram embora. Nenhum julgamento. Nenhuma justiça. Apenas o sistema limpando seu próprio lixo.

Tony respirou fundo.

— E isso te fez achar que o mundo precisava de um ditador?

Korran ergueu o queixo, os olhos brilhando de determinação.

— Cresci jurando que nunca mais ninguém passaria pelo que eu passei. Que o caos nunca mais reinaria. Que o mundo precisava de ordem. E a ordem... só existe na força. Num governo de ferro.

Tony balançou a cabeça, sentindo um peso no peito.

— Você tentou consertar um sistema quebrado... e virou aquilo que sempre odiou.

Korran franziu.

— Eu fiz o que era necessário.

— Não... você se convenceu disso. Mas se transformou no próprio monstro.

O alienígena avançou com brutalidade, agarrando Tony pelo colarinho e o levantando no ar.

— Eu criei ordem! Dei ao meu povo algo que nunca tiveram: segurança!

Tony lutava para respirar, sentindo o aperto esmagador.

— E o preço... — arfou — foi a liberdade deles.

Por um segundo, Korran hesitou.

Foi o bastante.

Tony puxou uma das pistolas caídas no chão e disparou no braço de Korran, forçando-o a soltar.

Korran rugiu, recuando. A arma dele estava superaquecida, soltando fumaça — temporariamente inutilizada.

Tony se levantou rapidamente, apontou outro rifle, mas... *click*. Sem munição.

Ele olhou ao redor: a maior parte das armas estava destruída, quebrada ou descarregada. As explosões tinham derrubado metade do arsenal da sala.

Korran também percebeu isso. Seus olhos se estreitaram.

— Então é assim... sem armas — ele disse, soltando o rifle danificado. — Apenas você e eu.

Ele arrancou a carcaça da armadura do peito, deixando-a cair com um estrondo metálico. Sob ela, seu corpo musculoso era marcado por cicatrizes.

— Eu não preciso de tecnologia pra acabar com você.

Tony se apoiou na parede, respirando com dificuldade, o rosto ensanguentado.

— Então venha... vamos acabar com isso.

Korran avançou como uma besta. Seu punho acertou o estômago de Tony, arrancando o ar dos pulmões. Outro golpe na costela fez um estalo seco ecoar.

Tony caiu de joelhos, tossindo sangue. Sua visão tremulava.

— Você não pode vencer — a voz de Korran parecia até decepcionada. — Nunca teve chance.

Tony cuspiu no chão e ergueu a cabeça, encarando-o.

— Se você... é tão forte... então... por que precisava daquela maldita armadura?

Korran apertou os olhos.

— O que quer dizer?

Tony riu, mesmo sentindo cada costela arder.

— Você fala sobre força, ordem, justiça... Mas se escondeu atrás de armas, drones, blindagens. Se acha tão superior... então lute como um homem.

Por um segundo, o silêncio dominou a sala.

Korran respirou fundo.

— Você quer isso?

Ele removeu os últimos pedaços da armadura dos braços e jogou no chão.

— Eu não preciso de nada disso pra acabar com você.

Tony, trêmulo, se levantou.

— Então... venha.

Korran disparou em sua direção. Tony desviou do primeiro golpe, mas o segundo acertou seu maxilar com força brutal. A dor foi lancinante, e ele cambaleou.

Mas ele não ia cair.

Revidou. Um cruzado no rosto de Korran abriu um corte na bochecha do alienígena.

E a luta continuou. Punhos. Sangue. Ódio. Vontade.

Os dois, determinados, prontos para se matarem.

CAPÍTULO 15 - O (QUASE) SACRIFÍCIO DE TONY

Em outra parte do bunker, Elira digitava furiosamente no terminal de controle, seus olhos fixos nos códigos que piscavam na tela.

— Consegue alguma coisa? — Rose perguntou, nervosa.

— O sistema de segurança dele é mais avançado do que imaginei — Elira murmurou. — Mas eu quase...

Ela pressionou mais algumas teclas e, de repente, um mapa holográfico surgiu diante deles.

Tyler apontou para um ponto piscando em vermelho.

— Ali! É onde estão Tony e Korran!

Rose olhou para o mapa, seu coração acelerado.

— Conseguimos destravar as portas?

Elira franziu a testa.

— Não... mas eu posso forçar um reinício no sistema. Isso nos daria alguns minutos antes que a segurança se reestabeleça.

Tyler estalou os dedos.

— Então faça isso.

Elira respirou fundo antes de pressionar um último comando.

As luzes piscaram.

As portas começaram a se destravar.

— Vamos — Rose disse, já correndo. — Precisamos encontrar Tony antes que seja tarde demais.

Quando Elira, Rose e Tyler finalmente chegaram ao coração do bunker, um cheiro de sangue encheu o ar. O som dos passos apressados ecoava pelas paredes de aço, até que, ao dobrar o último corredor, eles congelaram diante da cena aterrorizante.

No centro da sala, Tony estava ajoelhado no chão, seu corpo trêmulo, os braços fracos segurando seu próprio abdômen, tentando conter o sangue que escorria pela roupa. Seu rosto estava pálido, manchado de hematomas e cortes profundos. Suas pernas mal o sustentavam.

Korran, impiedoso, segurava-o pelo pescoço, erguendo seu corpo ferido do chão com facilidade assustadora. Seus olhos, frios como gelo, analisavam o oponente que agonizava em suas mãos.

Tony tentou falar, mas tudo o que saiu foi um fraco suspiro de dor.

Com um movimento brutal, Korran simplesmente apertou o pescoço de Tony e depois o lançou no chão, como se fosse um pedaço de lixo. O corpo de Tony bateu contra o metal com um baque seco.

— Lutou bem... mas nunca teve chance.

Ele olhou para os recém-chegados. Rose estava paralisada, o horror estampado em seu rosto. Tyler segurou o braço dela com força, impedindo-a de correr até Tony.

Elira apertou os punhos, seus olhos brilhando de fúria.

Korran deu um passo para trás e, sem dizer mais nada, virou-se e correu para o corredor oposto.

— Ele está indo ativar a bomba! — Tyler gritou.

Mas Rose já estava ajoelhada ao lado de Tony, as mãos tremendo ao ver o sangue se espalhando por sua roupa.

— Tony, aguenta! — Sua voz estava embargada. — Não se atreva a morrer agora!

Elira se abaixou ao lado dela e colocou dois dedos no pescoço de Tony. Por alguns segundos intermináveis, seu rosto ficou sério, analisando sua pulsação fraca.

Então, ela fechou os olhos e suspirou.

— Ele vai sobreviver.

Rose piscou, confusa.

— Como assim?! Ele está... ele está...

— O fator de cura da espécie dele é extremamente avançado — Elira explicou rapidamente.

— Ele está gravemente ferido, mas vai se regenerar. Só precisamos tirar ele daqui antes que seu corpo entre em choque.

Tyler olhou para o corredor onde Korran havia fugido.

— E Korran?! Se ele ativar a bomba, nada disso vai importar!

Elira levantou-se de repente, sua expressão séria.

— Ele vai se recuperar, mas Korran não pode vencer.

— Precisamos ir. Agora.

Rose pensou.

— E Tony?

— Ele é forte — Elira respondeu, sem desviar o olhar. — Se deixarmos Korran ativar a bomba, tudo isso terá sido em vão.

Tyler concordou com a cabeça, puxando Rose pelo braço.

— Precisamos acabar com isso.

Rose lançou um último olhar para Tony, deitado no chão frio, antes de finalmente se virar e correr ao lado de Elira e Tyler.

Eles seguiram pelo corredor iluminado por luzes vermelhas piscantes, o alarme ecoando por todo o bunker. O tempo estava se esgotando.

CAPÍTULO 16 - O FIM CHEGA PARA TODOS

A passagem estreita se abria para uma grande sala circular, repleta de monitores holográficos e painéis de controle. No centro, uma enorme estrutura cilíndrica brilhava em tons azulados, pulsando como um coração prestes a explodir.

Korran estava parado diante do painel de ativação, os dedos dançando pelos comandos. Seus olhos brilhavam com uma fúria contida, mas ao ouvir os passos se aproximando, ele se virou.

— Eu já esperava vocês.

Seus lábios se curvaram em um sorriso cínico enquanto seus dedos pressionavam uma sequência no painel.

— Estão atrasados.

O ruído de engrenagens se movendo preencheu a sala quando enormes portas de aço começaram a se fechar atrás deles.

Rose se virou instintivamente, mas não havia mais saída. Eles estavam presos com ele.

Korran riu baixo.

— Se quiserem impedir a destruição de Zyphos, terão que me matar.

Elira sacou sua arma de energia e a apontou diretamente para a cabeça dele.

— Eu não tenho problema nenhum com isso.

Korran apenas sorriu.

— Então vamos ver quem sobrevive.

E, num movimento veloz, ele puxou uma **arma curta de plasma**, presa na lateral do painel, e avançou.

A batalha final havia começado.

O brilho frio das rajadas refletia as luzes vermelhas piscantes do bunker enquanto Elira e Korran se estudavam por um instante silencioso. Ambos seguravam suas armas com firmeza, os músculos tensionados, aguardando o primeiro movimento.

Foi Korran quem atacou primeiro. Ele disparou uma sequência rápida e precisa, mirando o peito de Elira. Ela rolou para o lado no último segundo, desviando, e respondeu com uma rajada certa, que explodiu um dos painéis atrás dele, gerando uma chuva de faíscas.

— Você sempre foi boa com a mira — Korran murmurou, deslizando lateralmente, recarregando a arma com um clique. — Mas eu sempre fui melhor.

Ele avançou, disparando rajadas de plasma, tentando desestabilizá-la, mas Elira se protegeu atrás de uma coluna metálica, respondeu com tiros rápidos e precisos, forçando-o a se abaixar.

Korran se jogou para trás, desviando por centímetros de uma rajada que quase acertou sua cabeça, e contra-atacou disparando em diagonal, forçando Elira a rolar para fora da cobertura.

As rajadas cruzaram o ar, iluminando o ambiente.

Eles se separaram por um instante, respirando ofegantes.

— Você acha que pode derrotar alguém como eu? — Korran zombou, girando o carregador da arma.

Elira estreitou os olhos.

— Eu acho que posso te atrasar tempo suficiente.

De repente, um som agudo e intermitente preencheu a sala.

"ATIVAÇÃO DA CARGA PRINCIPAL INICIADA. CONTAGEM REGRESSIVA PARA DETONAÇÃO: 5 MINUTOS."

Rose e Tyler trocaram olhares assustados.

— Ele ativou a bomba! — Rose gritou.

Sem perder tempo, Tyler puxou sua arma e abriu fogo contra Korran. Rose fez o mesmo, disparando rajadas rápidas de energia.

Korran girou o corpo, desviando da maioria dos tiros com movimentos ágeis e precisos. Alguns projéteis passaram raspando por ele, queimando sua roupa, mas não o suficiente para pará-lo.

Com um rugido, ele largou a arma descarregada e avançou no corpo a corpo. Desferiu um soco poderoso no estômago de Elira. O impacto a lançou contra a parede metálica, onde ela bateu com força e caiu no chão, atordoada.

— Elira! — Tyler gritou, mas Korran já estava avançando sobre eles.

O tempo estava se esgotando, e a batalha estava longe de terminar.

Korran se ergueu, respirando pesadamente. Seus olhos frios encontraram o painel de controle e, num gesto rápido, seus dedos correram pelos botões, pressionando uma nova sequência.

"AJUSTE MANUAL CONFIRMADO. CONTAGEM REGRESSIVA ALTERADA: 1 MINUTO PARA DETONAÇÃO."

O som estridente da sirene ficou ainda mais intenso. As luzes vermelhas piscavam em um ritmo frenético, lançando sombras deformadas pelos cantos da sala.

— Não! — Rose gritou. — Você está louco! Vai destruir tudo!

— Se eu não puder governar, então Zyphos não merece existir.

Elira, ainda ofegante e com a mão no abdômen onde o soco de Korran havia atingido, arregalou os olhos ao ver o novo tempo no painel. Seu rosto empalideceu.

— Não... Não há mais tempo.

Tyler segurou o braço dela.

— Precisamos encontrar outra maneira!

Mas Elira não respondeu. Seu olhar estava fixo na bomba, os símbolos brilhando em uma intensidade pulsante. Os cálculos giravam em sua mente como um relâmpago. Então, sua expressão se tornou sombria.

— Eu sei como pará-la — ela sussurrou.

Rose e Tyler se entreolharam.

— Como? — Rose perguntou, desesperada.

Elira engoliu seco antes de responder.

— O sistema que desenvolvi... A bomba só pode ser desativada com um sacrifício. Uma fonte de energia viva.

O silêncio que se seguiu foi cortante.

Rose balançou a cabeça com veemência.

— Não. Nem pense nisso. Deve haver outra maneira!

Elira lhe lançou um olhar triste, mas determinado.

— Não há tempo para outra maneira.

"15 SEGUNDOS PARA DETONAÇÃO."

Rose segurou o pulso de Elira, os olhos cheios de lágrimas.

— Não! Nós vamos encontrar outro jeito!

Elira sorriu suavemente, afastando os fios de cabelo do rosto de Rose.

— Foi uma honra lutar ao seu lado.

Rose tentou puxá-la de volta, mas Elira já havia tomado sua decisão.

Ela segurou firme sua arma de energia, recarregando-a.

E correu.

Korran arregalou os olhos quando viu Elira avançar em sua direção, a arma brilhando com a luz vermelha do bunker. Ele ergueu sua própria arma para se defender, mas foi tarde demais.

Com um grito feroz, Elira disparou à queima-roupa, acertando diretamente o peito de Korran. O impacto foi devastador — a explosão de energia rasgou sua armadura, queimando profundamente seu corpo.

O ditador arfou, seu corpo tremendo com o impacto. Seus olhos se arregalaram, e um fio de sangue azul escorreu pelo canto de sua boca.

— Você... — ele tentou falar, mas sua voz morreu antes que pudesse terminar.

Elira olhou nos olhos dele, sem ódio, sem piedade. Apenas determinação.

E, num último movimento, sua mão ensanguentada tocou o sensor da bomba.

"CARGA ANULADA. DESATIVAÇÃO EM PROGRESSO."

No instante que seu dedo tocou o sensor, uma onda de energia intensa percorreu o corpo de Elira. Seu corpo começou a se desintegrar, os átomos se desfazendo como poeira. Seu rosto ainda carregava uma expressão serena, mas seus olhos mostraram uma dor intensa enquanto sua forma se desfazia em partículas de luz.

Uma explosão de energia desintegrou seu corpo completamente, iluminando a sala com uma força descomunal. A última coisa que Rose e Tyler viram foi o brilho nos olhos de Elira, um brilho de sacrifício, antes de ela desaparecer por completo.

A explosão de luz foi tão forte que eles foram jogados para longe, caindo no chão. Rose e Tyler, atordoados, conseguiram se levantar, os corpos doloridos pela onda de choque.

A bomba estava desativada. Korran estava morto. Mas Elira não estava mais ali.

CAPÍTULO 17 - A FUGA DO BUNKER

A explosão que Elira causou ao desativar a bomba ainda ressoava nas paredes do bunker, atirando Rose e Tyler para longe. Ambos estavam caídos no chão, ofegantes, os corpos doloridos pela intensidade da onda. O som das sirenes, mais uma vez, se intensificava, mas a adrenalina começava a tomar conta deles.

Rose, com esforço, se levantou primeiro, o rosto sujo de poeira e sangue. Ela olhou rapidamente ao redor, tentando perceber o que restara do local. A destruição era visível, mas a

missão estava cumprida: Korran estava morto e a bomba estava desativada. Agora, só restava escapar.

— Tyler... você está bem? — ela perguntou, a voz rouca.

Tyler se levantou, a mão na cabeça, com um corte profundo que sangrava. Mas seu olhar era determinado, o espírito de sobrevivência em alta. Ele balançou a cabeça, tentando afastar a dor.

— Sim, estou. Mas precisamos encontrar Tony.

Eles se entreolharam por um momento, percebendo que o soldado estava em algum lugar, longe deles, em meio à confusão.

Rose deu um passo à frente, esgueirando-se por entre as paredes quebradas do bunker. Ela estava esquecendo de algo, mas logo se lembrou ao observar a longe, uma coloração azul entre os escombros.

— Ali! — ela gritou.

Tyler correu ao lado dela e logo ambos se depararam com Tony, ainda inconsciente, jogado no chão em uma sala escura. Seu corpo estava coberto de ferimentos, mas os sinais vitais estavam fortes.

— Tony! — Rose gritou, caindo de joelhos ao lado dele.

Ela imediatamente começou a fazer os primeiros socorros, verificando a respiração e tentando estancar o sangue que escorria de uma ferida profunda em sua perna.

— Ele não pode ficar aqui... — Tyler disse, os olhos se movendo freneticamente. — O sistema de ventilação está em colapso. Se ficarmos muito tempo, o oxigênio vai acabar.

Rose assentiu, seus dedos trêmulos tentando manter Tony consciente. Ela olhou para Tyler.

— Me ajude a levá-lo. Não podemos esperar mais.

Com esforço, os dois levantaram Tony. Rose segurou a cabeça dele enquanto Tyler pegava a outra parte do corpo. Era um esforço árduo, mas eles estavam determinados. As câmeras de segurança piscavam e, em breve, alertas começariam a soar por todo o bunker.

— Vamos sair daqui. Agora — Rose disse, com firmeza, a determinação na voz.

Atravessaram corredores estreitos e escuros, evitando os soldados remanescentes que tentavam restabelecer o controle do lugar. Eles chegaram à entrada de uma sala de escape, onde uma pequena nave de resgate estava estacionada. A única saída.

— Aqui! — Tyler exclamou, com uma esperança renovada na voz.

Tyler, ainda com Tony nos braços, se apressou até um automóvel adaptado de guerra. A porta se abriu automaticamente e eles o colocaram dentro. Tyler entrou atrás dele e Rose assumiu os controles.

— Conseguimos... — ela murmurou, quase em um suspiro de alívio.

Tyler olhou para ela, com os olhos cansados, mas satisfeitos.

— Conseguimos. Mas o preço foi alto.

O futuro de Zyphos, com a resistência e os desafios à frente, ainda era incerto.

CAPÍTULO 18 - A NOVA ERA DE ZYPHOS

Os dias se passaram e o planeta Zyphos começou a respirar um novo ar. O reinado de Korran havia sido derrubado e pela primeira vez em anos, as ruas estavam cheias de esperança. Os gritos de dor e medo foram substituídos por risadas e celebrações.

Os habitantes, antes aprisionados em um sistema autoritário e brutal, agora caminhavam livres pelos mercados, pelas praças, pelas terras antes devastadas pela opressão. A bandeira do regime de Korran havia sido arrancada das edificações do governo e queimada em uma cerimônia pública. No lugar dela, uma nova bandeira foi hasteada, representando um Zyphos livre e democrático.

Tony, após se recuperar completamente graças à sua incrível capacidade de regeneração, foi escolhido pelo povo como o novo líder do planeta. O ex-soldado da resistência se viu em uma posição inesperada, mas não se furtou a aceitar a responsabilidade. Em um grande comício, em meio a uma multidão de zyphorianos que gritavam seu nome, ele discursou:

— Por anos, vivemos sob a sombra do medo. Perdemos amigos, famílias e nossa própria identidade. Hoje, essa era termina. Zyphos não terá mais um rei, um tirano ou um ditador! Teremos um conselho, uma voz do povo, e eu servirei a vocês como presidente! Mas saibam, não sou eu que mudarei este mundo... são vocês!

O povo aclamou seu nome e naquele dia Zyphos entrou em uma nova era. Grupos de trabalhadores começaram a reconstruir os edifícios destruídos, antigos prisioneiros da resistência foram libertados e a história de Elira, a heroína que sacrificou sua vida para deter Korran, foi eternizada em monumentos espalhados por toda a cidade.

Enquanto Zyphos celebrava sua liberdade, Rose e Tyler sabiam que o tempo deles ali estava chegando ao fim. O buraco de minhoca que os trouxera ao planeta estava instável, e logo se fecharia para sempre. Se não partissem agora, nunca mais voltariam para casa.

Na manhã da despedida, Tony os levou até o local onde a nave deles estava pronta para a viagem de volta à Terra. O céu alaranjado do amanhecer refletia a emoção do momento.

— Então, é isso... — Tony disse, cruzando os braços. — Vocês vão embora.

Rose sorriu levemente.

— Nosso lugar é na Terra, Tony. Mas Zyphos nunca será um planeta distante para nós. Fazemos parte da história desse mundo agora.

Tyler estendeu a mão para Tony e os dois se cumprimentaram com firmeza.

— Você tem um feito que poucos conseguem, meu amigo. De um soldado rebelde, virou o líder de um planeta. Cuide bem desse lugar.

Tony assentiu, seu olhar carregado de respeito.

— E vocês, levem essa história para o Universo. Digam à Terra que não estamos sozinhos. Que existem outras civilizações, que lutam, sofrem, mas que também esperam dias melhores.

Rose respirou fundo, olhando uma última vez para Zyphos.

— Adeus, Tony. Adeus, Zyphos.

Eles entraram na nave e os motores começaram a rugir. O buraco de minhoca se abria, instável, com poucos minutos restantes antes de desaparecer.

A nave partiu, deixando para trás um planeta renascido, um novo governo e um povo que, pela primeira vez em muito tempo, tinha o poder de decidir seu próprio destino.

E assim, sob um novo céu, Zyphos seguia para o futuro.

CAPÍTULO 19 - O PESO DA VERDADE

A nave cortou o céu da noite silenciosamente, como um fantasma retornando de um mundo esquecido. O planeta Terra, familiar e ao mesmo tempo distante, surgia diante deles enquanto a nave cruzava a atmosfera, queimando levemente contra o escudo térmico.

Rose e Tyler não usaram os canais convencionais da NASA ou do governo para a aproximação. Se fossem detectados, a nave poderia ser interceptada e qualquer chance de manter o segredo sobre Zyphos estaria perdida. Eles precisavam pousar sem chamar atenção.

A pequena casa de Rose, nos arredores de Arecibo, apareceu em meio à escuridão. Com precisão, Tyler ajustou os controles e a nave pousou suavemente no quintal. A poeira e as folhas secas se levantaram e o brilho azul dos motores se apagou.

Os dois se entreolharam. Estavam em casa. Mas nada mais parecia como antes.

Rose abriu a escotilha e pisou na grama úmida. O cheiro de terra molhada e maresia invadiu suas narinas. O vento quente do Caribe passou por seus cabelos e ela sentiu um arrepio na espinha.

— Estamos de volta... — Tyler murmurou, descendo logo atrás.

Rose olhou para sua casa. As janelas estavam fechadas, as luzes apagadas. A velha varanda de madeira ainda rangia ao menor movimento. Era como se nada tivesse mudado. Mas dentro dela, tudo estava diferente.

Os dois entraram. Rose acendeu uma lâmpada na cozinha. A luz amarelada iluminou as paredes que, para ela, pareciam mais apertadas do que antes. Depois de tudo que viram, depois de Zyphos, depois da guerra, da morte de Elira...

A Terra parecia pequena.

Eles sentaram-se à mesa, e por longos minutos nenhum dos dois disse nada. Apenas ficaram ali, ouvindo os sons da noite, do vento, do mundo girando ao redor deles, como se tentassem se reconectar a uma vida que não lhes pertencia mais.

Então, Tyler quebrou o silêncio.

— E agora?

Rose respirou fundo, cruzando os braços.

— Temos um dilema.

Ele a encarou.

— Falamos ou não para o mundo?

A pergunta pairou no ar, carregada de implicações.

Rose olhou fixamente para a mesa, sua expressão era dura, como quem travava uma guerra interna.

— Tyler... você já parou pra pensar no que isso significa... pra humanidade como um todo?
— ela perguntou, com a voz mais baixa. — Se dissermos que não estamos sozinhos... não vai ser só sobre Zyphos. Vai ser sobre tudo que acreditamos, tudo que sustentou nossa civilização até hoje.

Tyler franziu a testa, confuso.

— Como assim?

Ela levantou o olhar, os olhos marejados, mas firmes.

— As pessoas se agarram às certezas que conhecem. Religiões, história, ciência... tudo foi construído com a ideia de que somos únicos, de que estamos no topo da cadeia do universo. Se quebrarmos essa ilusão, não vai ser só medo, nem ganância... Vai ser colapso. Social. Espiritual. Psicológico. — Ela respirou fundo. — Milhões de pessoas não vão saber como continuar vivendo sabendo que somos apenas uma fração mínima de algo infinitamente maior.

Tyler ficou em silêncio, digerindo aquilo.

— Você acha mesmo que o impacto seria tão grande assim?

Rose apertou os punhos.

— Eu acho. Imagine. Todas as doutrinas, todas as crenças sendo questionadas ao mesmo tempo. Vai ter gente enlouquecendo, outros criando cultos, movimentos extremistas... E mais — ela se inclinou pra frente —, os governos. Eles não vão reagir como exploradores. Vão reagir como quem tem medo. Vão militarizar o espaço. Vão criar armas orbitais. E sabe por quê? Porque, pra eles, se existe um Zyphos... pode existir uma centena de outros. E nem todos seriam amigáveis.

Tyler passou a mão no rosto, pensativo.

— Você tá dizendo que não é só proteger Zyphos... é proteger a própria humanidade de si mesma.

— Exato — ela respondeu, com um tom mais duro do que pretendia. — Você viu como reagimos a nós mesmos aqui. Guerras, conflitos, fronteiras. A humanidade nem aprendeu a se entender internamente... como vai lidar com um universo inteiro lá fora?

Ele se calou. O silêncio parecia mais pesado agora.

Rose respirou fundo, segurando as lágrimas que ameaçavam cair.

— Se a gente contar... não vai ser uma corrida pela paz. Vai ser uma corrida pelo controle. Pelo domínio. Por armas, por tecnologia, por poder. — Ela apertou os olhos. — A humanidade não está pronta. Não ainda.

Tyler se levantou, andando até a janela. Olhou para as estrelas, tão familiares e agora tão cheias de segredos.

— Talvez... talvez a única forma de proteger Zyphos... e o próprio mundo... seja guardar esse segredo.

Rose o encarou.

— Não é sobre mentir. É sobre evitar queimar etapas. A verdade pode ser como uma arma... se entregue na hora errada, só destrói.

Tyler se virou, olhando nos olhos dela. E naquele instante, ambos entenderam: a decisão não era fácil. Nunca seria. Mas ela precisava ser tomada.

CAPÍTULO 20 - O REENCONTRO COM O DOUTOR CARTER

A casa do Doutor Carter ficava afastada da cidade, um refúgio discreto cercado por árvores. Rose e Tyler chegaram tarde da noite, ainda sob o peso da decisão que haviam tomado.

Rose bateu na porta de madeira envelhecida. Em poucos segundos, o trinco girou e a porta se abriu.

— Rose? Tyler? — A voz de Carter carregava preocupação. O velho cientista, de cabelos grisalhos e óculos tortos no rosto, os analisou por um momento antes de abrir mais a porta. — Entrem. Rápido.

Eles atravessaram a sala de estar, repleta de livros, anotações e monitores piscando com informações que, para qualquer outra pessoa, pareceriam códigos indecifráveis. Carter trancou a porta atrás deles.

— Meu Deus, vocês sumiram. O que diabos aconteceu?

Rose e Tyler se entreolharam. Não sabiam por onde começar. Como explicar uma guerra interplanetária, um ditador alienígena, uma resistência, uma bomba catastrófica e o sacrifício de uma heroína?

Rose respirou fundo.

— Doutor, o que eu vou te contar vai parecer loucura... mas precisa acreditar.

Carter cruzou os braços, arqueando uma sobrancelha, como quem já esperava aquilo.

— Tentem me surpreender.

Tyler se apoiou na mesa, como se precisasse de algo sólido para se firmar.

— Nós estivemos em outro planeta. Zyphos.

Por um instante, Carter não reagiu. Seus olhos ficaram fixos neles, mas não havia surpresa. Nenhuma.

Rose continuou, confusa com a falta de reação:

— Fomos levados por um buraco de minhoca. Havia um ditador chamado Korran, uma resistência tentando derrubá-lo, e... — sua voz falhou — e alguém se sacrificou para impedir que uma bomba destruísse tudo.

Então Carter respirou fundo. Soltou o ar devagar. E disse, com uma tranquilidade assustadora:

— Eu já sei.

O silêncio na sala foi absoluto. Era como se o tempo tivesse parado.

Tyler franziu a testa.

— O quê? Como assim?

Carter apertou os lábios, caminhou até a estante no canto da sala e, com um gesto, puxou um livro velho. Ouviu-se um clique metálico. O painel de madeira deslizou para o lado, revelando uma câmara escondida cheia de equipamentos alienígenas: painéis com luzes pulsantes, monitores holográficos e um projetor no centro.

Ele ativou o holograma. No ar, surgiu o mapa completo de Zyphos, seus continentes, zonas orbitais, pontos estratégicos. E no centro da projeção, o rosto inconfundível de **Tony**.

— Tony... — Rose sussurrou, arregalando os olhos.

O holograma se ativou automaticamente.

— Rose. Tyler. Se estão ouvindo isso, é porque finalmente se reencontraram com Carter. E é hora de vocês saberem toda a verdade — a voz de Tony soava calma, mas firme. — Carter não é apenas um cientista da Terra. Na verdade... ele nunca foi um humano.

A gravação pausou, e Carter desligou o holograma com um gesto.

Ele se virou, respirando fundo. Tirou os óculos, como se aquele fosse o último resquício da fachada que mantinha.

— É verdade — ele disse, olhando diretamente para Rose e Tyler. — Eu não sou humano. Meu nome verdadeiro é **Kah'Zer**, nascido em Zyphos, há mais de cem anos.

Rose ficou imóvel. Tyler simplesmente perdeu a fala.

— O quê...? — Tyler balbuciou.

— Eu vim para a Terra na década de 50, quando nossa tecnologia de salto temporal e espacial estava começando a se expandir. Minha missão era simples: observar. Analisar se esse planeta era uma ameaça potencial ou se poderia ser um aliado no futuro. — Carter, ou melhor, Kah'Zer, cruzou os braços. — Mas pouco tempo depois da minha chegada... aconteceu.

Rose apertou as mãos.

— Korran...

Carter assentiu.

— Exato. Quando soube que Korran havia tomado o controle de Zyphos, estabelecendo um regime ditatorial... eu não podia voltar. Se retornasse, seria executado como qualquer outro que não se curvasse a ele. — Seus olhos ficaram sombrios. — Então fiz o que qualquer estrategista faria: me escondi. Permaneci na Terra, mantendo contato secreto com membros da resistência que conseguiam se comunicar. Esperei. Esperei até que fosse seguro... até que Zyphos pudesse ser livre de novo.

Tyler se sentou, boquiaberto.

— Meu Deus... Você... você é um alien esse tempo todo?

— Sim — respondeu Carter. — E todo esse tempo vivi entre vocês usando um sistema de **camuflagem biológica**. Uma tecnologia avançada que altera minha bioestrutura, projetando um campo molecular em torno do meu corpo. Para qualquer ser humano, eu pareço exatamente como vocês. Célula por célula, pele, cabelo, voz... tudo replicado com perfeição.

Ele caminhou até um painel, apertou um comando e, por um instante, a ilusão se desfez. Diante deles, o corpo real de Carter apareceu: um ser de pele acinzentada, levemente azulada, olhos alongados e cristalinos, feições elegantes, e marcas brilhantes que corriam como circuitos vivos em seus braços e têmporas.

Mas em segundos, ele desligou o campo, e voltou à aparência humana de sempre: cabelos grisalhos, óculos tortos, aquele velho cientista que eles sempre conheceram.

— A camuflagem é automática — explicou —, alimentada por energia solar e ondas eletromagnéticas do próprio planeta. Enquanto estive aqui, mantive minha identidade escondida de governos, da NASA, da inteligência militar, de todos.

Rose colocou as mãos na cabeça, tentando absorver tudo.

— E... e Tony?

Carter sorriu de leve.

— Assim que a resistência venceu, Tony me contatou. Ele contou tudo o que vocês fizeram. Como vocês foram sugados por aquele buraco de minhoca... como lutaram, sobreviveram e... — seus olhos ficaram mais suaves — como Elira... fez o que fez.

O silêncio pesou por alguns segundos.

Tyler respirou fundo.

— Então... você estava esperando isso. Esperando que Zyphos se libertasse.

— Sim. E Tony me informou sobre vocês, sobre tudo o que passaram. Era questão de tempo até vocês voltarem. E quando voltassem, saberiam que não estavam sozinhos.

Rose cruzou os braços, olhando para o painel ainda brilhando.

— Então o segredo... nunca foi um segredo, não pra você.

Carter sorriu.

— E agora a pergunta que vocês têm que responder não é mais se vão esconder a existência de Zyphos... mas sim: **como vamos proteger esse segredo juntos?**

Ele estendeu a mão, como quem sela um pacto.

Tyler e Rose se entreolharam.

Sabiam que, a partir dali, nada no universo seria como antes.

CAPÍTULO 21 - CEDO OU TARDE, A AMEAÇA VOLTA.

A sala era envolta em sombras. As paredes circulares, revestidas com um metal escuro e pulsante, projetavam luzes suaves azuladas, criando um efeito hipnótico. Ao centro, uma mesa oval brilhava com um mapa holográfico de Zyphos, destacando as regiões subterrâneas ainda não catalogadas pelo novo governo.

Sete figuras encapuzadas estavam sentadas ao redor. Seus rostos permaneciam ocultos e seus nomes jamais eram ditos. Apenas títulos simbólicos ecoavam na câmara, como ecos distantes de uma ordem antiga. Eles eram o Círculo de Althar.

— Está confirmado — disse uma voz grave, o som distorcido por um modulador. — O menino sobreviveu.

— Como é possível? — perguntou outra, com um tom mais agudo, quase impaciente. — Os arquivos diziam que a câmara onde ele foi criado foi destruída com o laboratório de Korran.

— Apenas a superfície foi destruída. Os níveis inferiores permaneceram intactos. Há registros de movimentações nos setores subterrâneos da zona leste. Alguém ou alguma coisa está viva lá embaixo.

O mapa holográfico ampliou, revelando o vasto sistema de labirintos antigos sob a capital de Zyphos. Eram corredores entrelaçados, construídos por duas famílias fundadoras: os Veyros e os Dhalmor. Por séculos, suas rivalidades moldaram a arquitetura da cidade e foi nos níveis mais profundos que a história foi esquecida — e onde os segredos de Korran foram enterrados.

— Korran usou seu próprio DNA — continuou o membro do Círculo, projetando um novo holograma. — Projeto Sahur. Um experimento singular. Uma criatura criada para ser mais forte, mais rápida... mais letal do que qualquer soldado. Sua mente foi moldada para a sobrevivência. Mas o experimento foi interrompido.

A projeção mudou para o rosto de um jovem. Traços semelhantes a Korran: pele escura com reflexos aguçados, olhos intensos e marcados por uma inquietação selvagem. Cabelos longos e bagunçados. Abaixo da imagem, uma identificação piscava em vermelho: "Avek – Nível de Risco: CRÍTICO".

— Ele tem 15 anos agora. Crescendo sozinho nos corredores do esquecimento. Se ele despertar seu potencial antes de ser encontrado... será tarde demais.

Houve um breve silêncio, então a figura central falou com firmeza:

— Mande Khazz

O nome reverberou pela câmara. Um caçador lendário. Frio. Impiedoso. Conhecido por caçar alvos que preferiam não existir. Seu rosto nunca fora revelado e seu passado era envolto em mitos — alguns diziam que ele já havia trabalhado para Korran antes da queda.

— Tragam o garoto. Vivo, se possível. Morto... se necessário.

O holograma se apagou. Um sinal foi enviado. Nos becos mais escuros da cidade, Khazz recebeu a mensagem. E nos túneis esquecidos sob Zyphos, Avek sentiu o ar mudar.

ROSE, TYLER E TONY RETORNARÃO EM:

ENTRE DOIS SÓIS

PERSONAGENS

Rose

- Uma dos protagonistas da história
- Descendente alemã
- Cientista brilhante

Tyler

- Nascido em Arecibo, Porto Rico
- Kursou Pós-Graduação em Londres
- Depois disso foi transferido para Arecibo novamente

Doutor Carter

- Professor de Rose na faculdade
- Um dos únicos cientistas com interesse em vida extraterrestre sem interesses pessoais
- É um extraterrestre secretamente analisando dados na terra desde a década de 50.

Elira

- Ex- cientista de Korran
- Ajudou a construir o projeto Beta da bomba Abstinto
- Se rebelou contra ele depois de um golpe de estado, iniciando uma Ditadura
- Criadora da Resistência de Zyphos

Tony

- Um dos primeiros a ser recrutado para a Resistência
- Serviu ao exército de Zyphos antes do golpe
- Após a Queda de Korran, foi eleito presidente da região

Korran

- Filho de um criminoso conhecido em Zyphos
- Viu o pai sendo espancado e morrer na sua frente
- Jurou vingança e instaurou um sistema Ditatorial em Zyphos
- Criou secretamente um projeto humano com seu DNA, gerando um “filho”

Avek

- Fruto de uma experiência com o DNA do ditador Korran
- Hoje, vive solitário e com a cabeça confusa nos corredores subterrâneos de Zyphos
- Foi vítima de um controle mental

Khazz

- Famoso Caçador de Recompensas de Zyphos
- Se isolou durante a Ditadura, esperando o momento certo de voltar aos trabalhos
- Preza pelos seus valores, apenas indo atrás de pessoas que ele considera más na sociedade